

REVISTA

# Extensão & Comunidade

Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais | CEFET-MG

Volume 4 | Número 1 | Setembro de 2018



Uma homenagem ao prof. Camilo Lara, criador do Festival de Arte e Cultura

Juca Ferreira fala sobre Universidade e desafios para a Cultura no país

A Cultura como elo entre a academia e a sociedade é tema de painel

REVISTA

# Extensão & Comunidade

Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais | CEFET-MG

Volume 4 | Número 1 | Setembro de 2018

## Gestão outubro 2015-2019

### Diretor-Geral

Prof. Flávio Antônio dos Santos

### Vice-Diretora

Profª. Maria Celeste Monteiro de Souza Costa

### Chefe de Gabinete

Prof. Henrique Elias Borges

### Diretora de Educação Profissional e Tecnológica

Profª. Carla Simone Chamon

### Diretor de Graduação

Prof. Moacir Felizardo de França Filho

### Diretor de Pesquisa e Pós-Graduação

Prof. Conrado de Souza Rodrigues

### Diretor de Planejamento e Gestão

Prof. Gray Farias Moita

### Diretora de Extensão e Desenvolvimento Comunitário

Profª. Giani David Silva

## CONSELHO EDITORIAL

Profª Giani David Silva

Editora-Chefe

Prof. Ailton Vitor Guimarães

Prof. Arnaldo Freitas de Oliveira Junior

Denise Brait Carneiro Fabotti

Flávia Pereira Dias Menezes

Profª Glauciene Silva Martins

Prof. Matusalém Brito Duarte

Natália Valadares Lima

Profª Patrícia Romeiro da Silva Jota

Prof. Paulo Eduardo Maciel de Almeida

## SECRETÁRIO DE COMUNICAÇÃO

Luiz Eduardo Pacheco

## CHEFE DE REDAÇÃO E EDITOR

André Luiz Silva

MTB 15.533/MG

## EQUIPE DE JORNALISMO

André Luiz Silva

Diogo Tognolo Rocha

Flávia Pereira Dias Menezes

Gilberto Todescato Telini

Nívia Rodrigues Pereira

## DESIGN

Projeto gráfico: Fabrício H. da Silva Passos

Leonardo W. Guimarães

Brígida Mattos

Pedro Godoy

Eduardo Rocha Rodrigues

Setor de Comunicação Visual (SECOV)

## IMPRESSÃO

Avohai Eventos

## PERIODICIDADE E TIRAGEM

Semestral – 500 exemplares

## CORRESPONDÊNCIA

Centro Federal de Educação Tecnológica de

Minas Gerais – CEFET-MG

Diretoria de Extensão e Desenvolvimento

Comunitário (DEDC)

Av. Amazonas, 5253 - Nova Suíça -

Belo Horizonte, MG, CEP 30.421-169

TEL: (31) 3319-7024 • (31) 3319-7025

E-mail: revistaextensao@adm.cefetmg.br

www.dedc.cefetmg.br

Ilustração da capa: Luciana Ruiz de Vilhena

Ilustrações da contracapa: Pixabay, Pedro Godoy

# Sumário

7 EDITORIAL

8 ENTREVISTA

“As grandes questões deste princípio de século passarão necessariamente pelo campo da Cultura”

18 REPORTAGENS

20 Festival de Arte e Cultura, da ideia à consolidação como política cultural permanente

24 Ao mestre, com carinho

34 Para além dos shows, políticas culturais nas universidades

38 A cultura pede passagem: projeto Corredor Cultural Forproex Sudeste é exemplo de política cultural

42 Mais cultura no CEFET-MG: Política de Arte e Cultura busca fortalecer atividades

46 PAINEL

Pesquisadores analisam a extensão como elemento propulsor da cultura

58 ARTIGOS

Galinha-capoeira e arte-cabaça no interior da Paraíba: a extensão a serviço da economia solidária no IFPB

68 V Cinecipó – Festival de Cinema Socioambiental: extensão, interdisciplinaridade e desenvolvimento

78 Desenvolvimento de autômatos entre o CEFET-MG e a Escola Municipal Ivan Diniz Macedo: arte, história, ciência e tecnologia em diálogo

84 *Sagarana e Grande sertão: veredas*, nessa data, querida

88 Normas para submissão de textos

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca *Campus I* – CEFET-MG

C454

Revista Extensão & Comunidade / Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais, Diretoria de Extensão e Desenvolvimento Comunitário. – V. 4, N. 1 (2018) – Belo Horizonte : CEFET-MG, 2018

Semestral

ISSN 2318-2539

1. Extensão universitária - Periódicos. 2. Educação – Periódicos. I. Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais. Diretoria de Extensão e Desenvolvimento Comunitário.

CDD 378.103

# Editorial

Em tempos de pedidos de intervenção militar, fim do Ministério da Cultura (extinto por Michel Temer por meio da MP nº 726/2016, e recriado dias depois, após pressão da classe artística), sucessivas mudanças no MinC (com três quedas de ministros em pouco mais de um ano) e cortes no orçamento da Cultura (R\$ 721 para R\$ 412 mi em 2017), a **Revista Extensão & Comunidade**, com intuito de reafirmar a importância dos processos artísticos e culturais para formação de uma sociedade crítica, plural e sensível às questões sociais e políticas, traz nesta edição um profundo e necessário debate sobre a Cultura como elo extensionista.

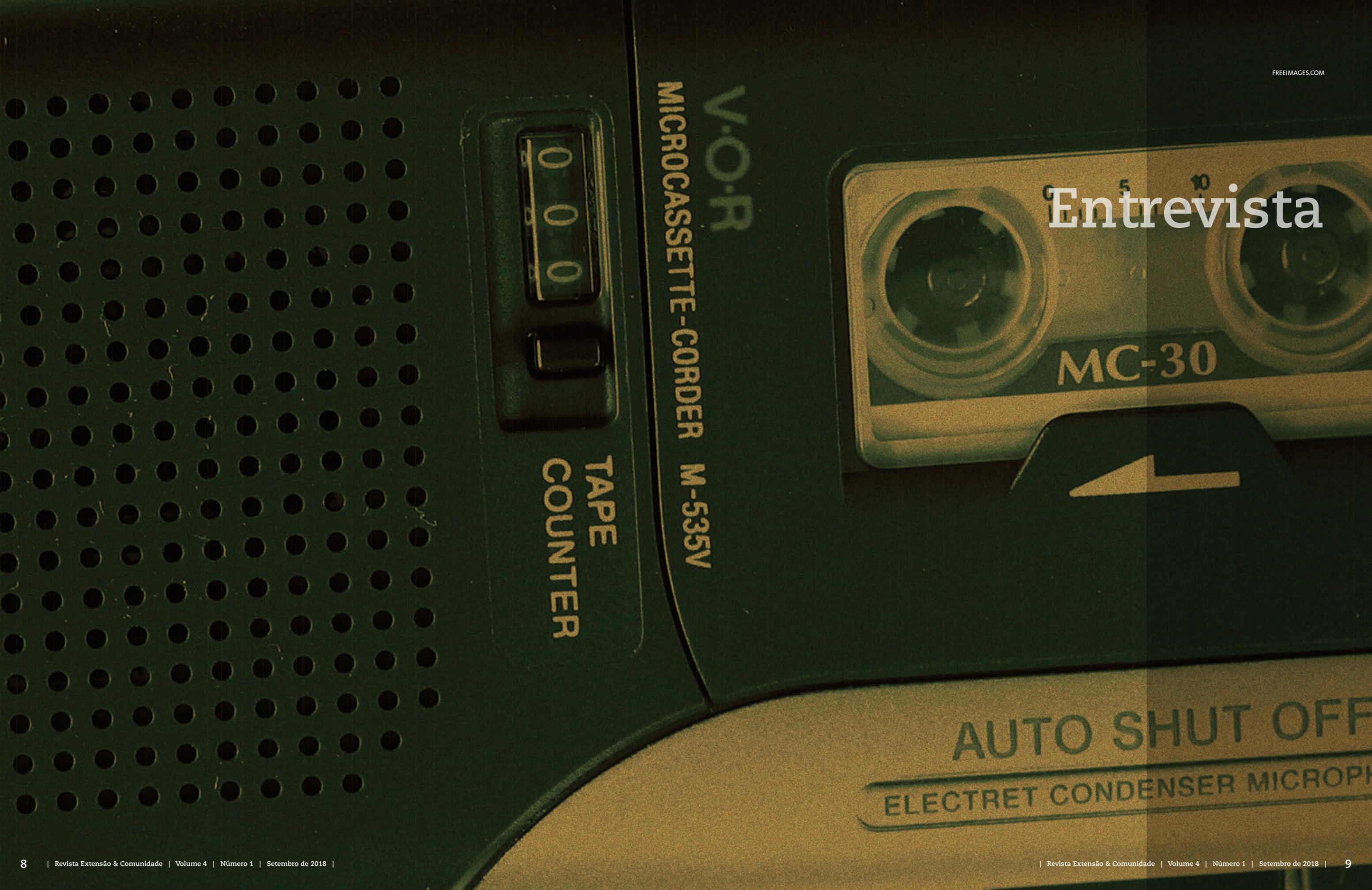
Na seção **Entrevista**, trazemos uma instigante bate-papo com Juca Ferreira, ex-ministro da Cultura dos governos Lula e Dilma, ex-secretário municipal de Cultura de São Paulo e, agora, secretário municipal de Cultura de Belo Horizonte, sobre política de arte e cultura, Universidade Pública e extensão, desafios para a Cultura no país.

Na seção **Reportagens**, o leitor tem à disposição cinco matérias dedicadas à Cultura produzida não somente no CEFET-MG, mas em outras Instituições de Ensino Superior (IES) do país. A primeira delas trata do Festival de Arte e Cultura, que em 2018 completa 12 anos, com uma agenda diversificada, *multicampi* e que fomenta manifestações culturais entre alunos, servidores e comunidade externa do CEFET-MG; na esteira do Festival, os professores João Meyer, da Unicamp, e Elías Gomes, da Unifal, dão amplo destaque às políticas culturais como parte fundamental das atividades nas universidades; como exemplo de projeto cultural bem-sucedido está o Corredor Cultural Forproex Sudeste, que aborda a Cultura pelos vieses simbólico, econômico e cidadão; a quarta matéria traz à tona a proposta de implementação de uma política cultural que, desde 2016, vem sendo amplamente debatida com a comunidade acadêmica no CEFET-MG; por fim, de todas as reportagens produzidas para esta edição da **RE&C**, destacamos aquela que, de maneira justa e merecida, rende homenagens ao professor Camilo Lara, poeta, escritor, editor, agitador cultural, e criador do Festival de Arte e Cultura do CEFET-MG, falecido precocemente em 2016.

Para a seção **Painel**, convidamos três especialistas (Bráulio Chaves, Cláudia França e Luciana de Oliveira) para debater a extensão como elemento propulsor da Cultura. A última seção da Revista, **Artigos**, dá voz a três pesquisadores que têm desenvolvido trabalhos de Extensão em Guarabira (PB), Contagem (MG) e na Serra do Cipó (MG), articulando parcerias com as comunidades locais para tratar de economia solidária, desenvolvimento regional, promoção da arte e cultura. Um último artigo, de autoria João Santiago Sobrinho, é um tributo às obras “Sagarana” e “Grande Sertão: Veredas”, de João Guimarães Rosa, com 70 e 60 anos completados, respectivamente, em 2016.

**Profa. Giani David Silva**  
Editora-Chefe

# Entrevista



# “As grandes questões deste princípio de século passarão necessariamente pelo campo da Cultura”

Convidamos o ex-ministro da Cultura e atual secretário municipal de Cultura de Belo Horizonte, Juca Ferreira, para um bate-papo sobre política de arte e cultura, Universidade Pública e extensão, desafio para a Cultura no país

André Luiz Silva  
JORNALISTA

**RE&C:** No início dos anos 90, o senhor foi um dos fundadores do Projeto Axé, que já beneficiou quase 30 mil jovens soteropolitanos em situação de rua, por meio da dança, música e pintura. Na opinião do senhor, qual a importância de se criar e manter políticas de arte e cultura voltadas para crianças e adolescentes? Conte-nos um pouco de sua experiência no Projeto Axé, sobretudo a respeito da dimensão cultural implementada pelo senhor e sobre os resultados obtidos.

**Juca Ferreira:** O Projeto Axé foi uma das experiências mais marcantes que vivi desde que voltei do exílio. Ele foi fundado pelo ítalo-brasileiro Cesare de La Rocca, e fui trabalhar com ele quando Cesare estava montando a equipe. Foi uma grande experiência profissional, mas também de muita transformação pessoal. O chamado de Cesare nos levava a uma dedicação plena, de muita entrega. E não havia como ser diferente diante de toda uma realidade que víamos à nossa frente, de todas aquelas vidas de crianças e adolescentes que eram e seguem sendo menosprezadas no contexto de um modelo econômico em que se pensa apenas a curtíssimo prazo e em que

se desrespeita os direitos humanos. O Projeto Axé veio na contramão desse modelo, pensando em futuro, em processos educativos, na valorização da vida de cada um que se aproxima do projeto, dos educandos e dos educadores, tendo alto respeito pelo nome e pela história de cada um, pela autoestima, pelo empoderamento e pelo protagonismo dessas crianças e adolescentes.

O Axé é um belo exemplo da transversalidade da cultura e das artes, atuando em uma iniciativa que tem como foco a área da educação, da arte educação e da defesa de direitos de crianças, adolescentes e jovens em situação de vulnerabilidade social, sobretudo, os que vivem em situação de rua em Salvador. Essas crianças e jovens são convidados a frequentar os espaços pedagógicos do Axé, onde se realizam atividades artísticas e culturais. Mas é importante que o Axé não seja entendido unicamente como espaço para desenvolvimento das linguagens artísticas, mas como iniciativa que tem como princípio de suas práticas a ética e os direitos humanos. São muitas histórias e vidas que mudaram de rumo, tomaram outros caminhos a partir do encontro com o projeto, o que acaba tangenciando também outros campos, alterando os índices de violência,

RICARDO LAF



criminalidade. Digo tangenciando porque o projeto é como uma gota num oceano se pensarmos no contexto de desigualdade que vivemos, mas, nestes 28 anos de projeto, foram mais de 30 mil crianças e adolescentes que tiveram seus direitos reconhecidos, um número bastante expressivo de jovens brasileiros vem encontrando ali a sua primeira porta para a cidadania, para a participação social, para o conhecimento das artes e da cultura.

Muitos dos problemas que hoje enfrentamos em nosso país parte dessa falta de atenção e cuidado com nossas crianças, e esse pensamento de futuro e de garantia dos direitos humanos que vemos no Axé, deve pautar as políticas públicas para crianças e adolescentes. Introduzi-los e despertá-los para o contexto cultural e para as produções artísticas é ensinar sobre a vida e suas mais diversas dimensões, abrindo possibilidades para que se transformem em

cidadãos capazes de imaginar para si e para todos outras possibilidades de mundo menos desiguais.

**RE&C:** O senhor atuou como secretário-executivo do Ministério da Cultura (governo Lula), ministro da Cultura (governos Lula e Dilma), secretário municipal de Cultura de São Paulo e, agora, secretário municipal de Belo Horizonte. Tendo em vista todas essas experiências, quais são, na opinião do senhor, as principais dificuldades que a Cultura enfrenta em nosso país, seja na esfera federal ou na municipal? Em contrapartida, durante todo esse período em que esteve no MinC e nas secretarias municipais de Cultura, quais políticas, projetos e iniciativas de arte e cultura o senhor teve a oportunidade de ver ou implementar que são merecedoras de reconhecimento?

**Juca Ferreira:** A dificuldade mais visível é o orçamento, sempre aquém das necessidades da cultura e da

“Muitos dos problemas que enfrentamos no país parte da falta de atenção e cuidado com nossas crianças”

## “Posicionar a cultura diante um projeto de desenvolvimento do país ainda é uma missão que requer um longo caminho”

arte. Mas os baixos números orçamentários evidenciam algo ainda mais denso e estruturante do nosso frágil Estado democrático. Posicionar a cultura diante um projeto de desenvolvimento do país ainda é uma missão que requer um longo caminho de trabalho. Enfrentamos certa inércia decorrente da dificuldade generalizada de se compreender o que vem a ser cultura, qual o seu papel, sua importância como dimensão simbólica da vida social, essencial para a realização da condição humana de todos. Ainda é muito frágil o entendimento da cultura como uma dimensão central e incontornável para o desenvolvimento do Brasil e da América Latina e para nossa afirmação no conjunto das nações.

Mas não podemos negar os avanços que tivemos nesse sentido. A cultura viveu importantes momentos na agenda pública contemporânea da América Latina. No Brasil, vimos o Ministério da Cultura, especialmente na gestão de Lula e Dilma, indo ao encontro da nossa ampla e rica diversidade cultural, da nossa singularidade, das nossas contribuições estéticas e culturais no contexto da globalização, interagindo com as

novas linguagens, renovando e ampliando as políticas de patrimônio, lançando mão do diálogo com outras culturas. O olhar para a diversidade e a ampliação do conceito de cultura adotado pelo MinC, a partir de 2003, possibilitaram a criação de políticas culturais que incorporaram dimensões da cultura e o protagonismo de segmentos sociais até então invisíveis para o Estado brasileiro e sem acesso às ações e recursos deste Ministério.

Nossas frentes de trabalho foram muitas, a Lei Cultura Viva, a cultura digital, a política para o cinema e o audiovisual, nossos esforços com o ProCultura e com a atualização da legislação do direito autoral, a construção de uma Política Nacional para as Artes, o Vale Cultura. Merece especial destaque a interlocução com os povos indígenas. A política cultural formulada pelo Ministério neste período procurou afirmar que o Brasil democrático precisa incorporar e respeitar a população indígena com suas singularidades, garantindo aos povos tradicionais o direito ao seu território para que possam viver segundo seus costumes e tenham condições de estabelecer relações com a socieda-

### “O brusco afastamento da presidenta legitimamente eleita significa hoje grave ameaça para as políticas culturais”

de brasileira e com o mundo a partir de suas especificidades.

Mas hoje, a afirmação das democracias, embora tenha avançado muito, dá sinais evidentes de que ainda não se consolidou. Vemos no Brasil a responsabilidade do Estado para com o desenvolvimento cultural da nação ser questionada, expondo a grande fragilidade das políticas públicas de cultura em nosso país. O brusco afastamento da presidenta legitimamente eleita significa hoje grave ameaça para as políticas culturais. Se não foi por um acaso que a criação do Ministério da Cultura tenha sido um dos primeiros atos da redemocratização do país, também não foi por mera coincidência que entre as primeiras providências dos golpistas esteja a tentativa de extingui-lo. Michel Temer só não manteve sua decisão porque a pressão dos setores culturais e a rejeição da opinião pública foram mais fortes do que a vontade de ceifar de uma só vez o Ministério e os avanços que ele até então representava.

**RE&C: Algumas Universidades Públicas, por meio de suas Diretorias de Extensão, ou Pró-Reitoria de Extensão, têm buscado estabelecer diretrizes internas para uma política sistemática de arte e cultura, nos moldes como ocorre, por exemplo, na Secretaria Municipal de Cultura de Belo Horizonte, de maneira democrática, transversal, participativa, transparente e descentralizada (visando todos os campi). Na opinião do senhor, qual a importância de se instituir políticas específicas de arte e cultura nas Universidades Públicas? E como isso pode impactar positivamente na formação dos alunos e na relação com a comunidade externa à academia?**

**Juca Ferreira:** Ao pensarmos as universidades, podemos retornar à



sua primeira pergunta, sobre o Projeto Axé e pensarmos as universidades como espaços dotados por uma dimensão de futuro, de participação e cidadania. Das universidades partem estudos sobre a sociedade, estímulos à interação cultural de ideias, novas epistemologias que têm retroalimentado as políticas públicas de cultura que, no Brasil, implementamos nos governos Lula e Dilma e que, de alguma forma, ainda sobrevivem.

Neste momento em que o mundo assiste a uma dramática ampliação

da desigualdade social e à expansão de extremismos, discursos de ódio, o preconceito social e regional, o racismo, a intolerância religiosa, o machismo, a homofobia, a xenofobia e a todas as demais formas de segregação humana e cultural, nos é exigido uma radical mudança de atitude que, necessariamente, deverá partir de uma mudança cultural.

As grandes questões deste princípio de século passarão necessariamente pelo campo da cultura. Ela está no vértice das grandes transfor-

### “A cultura em suas múltiplas versões, expressões e ocorrências estão no centro da agenda do século XXI e isso também precisa reverberar nas universidades”



WILSON DIAS - AGÊNCIA BRASIL

mações do século XXI, modelando todos os campos da atividade humana. A questão ambiental, a questão das drogas, as questões de gênero, a proteção à infância e à adolescência, a atenção aos idosos e aos portadores de deficiências e de distúrbios mentais, as desigualdades sociais e as migrações e outros tantos temas que fazem parte do nosso tempo exigem de nós uma mudança de mentalidade e visão de mundo. Exige outra sensibilidade, outro olhar, outro comportamento.

E as universidades têm papel importante nesse processo como espaço de ensino, pesquisa e extensão. O espaço acadêmico também precisa se rever cons-

tantemente, inserindo e potencializando noções como a diversidade de saberes, abrindo espaço para aqueles que não tinham acesso à universidade e para aqueles saberes que as universidades não acessam ou têm dificuldade de acessar, como as culturas populares, a cultura indígena, os mestres e pensadores da cultura africana. Também o saber e o conhecimento precisam dos múltiplos olhares, dos múltiplos pontos de vista, lembrando que saber é também uma forma de poder, e as universidades são campos estratégicos e essenciais para essas disputas. São espaços propícios para a fricção e a reflexão de ideias e pensamentos sobre a realidade brasileira e sobre as mutações que vêm sendo realizadas no nosso país. A cultura em suas múltiplas versões, expressões e ocorrências estão necessariamente no centro da agenda do século XXI e isso também reverbera e precisa reverberar nas universidades

**RE&C: Ademais de elemento fundamental na construção da própria identidade nacional, a Cultura é, cada vez mais, um setor de destaque na economia do País, como fonte de geração crescente de empregos e renda. Nesse sentido, na opinião do senhor, qual a importância de a Universidade Pública incorporar, cada vez mais, atividades de arte e cultura na grade curricular (ou**

**“As universidades têm papel importante como espaço de ensino, pesquisa e extensão”**

**extracurricular) dos cursos de graduação, pensando não somente na formação de um cidadão consciente da importância da arte e da cultura, mas alguém apto a pensar a Cultura economicamente?**

**Juca Ferreira:** Na gestão do MinC, elaboramos o programa “Mais Cultura nas Universidades”, uma ideia que foi tão bem recebida e que contou com a adesão de todas as Universidades Federais e de quase a totalidade dos Institutos Federais do país em sua primeira edição. O programa nasceu com o propósito de ampliar o papel das universidades na difusão e preservação da cultura brasileira, incentivando a inclusão da cultura nos projetos educacionais das instituições federais.

Também o programa Cultura e Pensamento, realizado em parceria com o MEC, trazia pensadores e representantes do setor criativo de várias partes do Brasil para pensar e refletir assuntos como economia

da cultura, o direito autoral, as mutações da sociedade contemporânea nos seus diversos aspectos, saberes e conhecimentos tradicionais, política intersetorial de cultura e educação. Estamos empenhados em trazer uma semente da Cultura e do Pensamento para Belo Horizonte, estimulando, assim, o debate do papel da cultura no mundo contemporâneo e reunindo representantes do Governo e de universidades e instituições de pesquisa. Esses são dois exemplos que evidenciam tanto a importância de uma política cultural nas universidades, quanto do papel das instituições

acadêmicas na construção de políticas públicas para a cultura.

Mas, em relação ao fator econômico que você evidencia na sua pergunta, à geração de emprego e renda, ressaltamos as façanhas que a cultura tem conseguido realizar, sem apoio ou formas de fomento. A economia da cultura chega a contribuir com algo em torno de 6% na composição do PIB brasileiro. Ainda que este número ultrapasse algumas economias tradicionais, ele não revela todo o potencial da cultura. Só conseguiremos ampliar esse horizonte a partir da expansão da compreensão da cultura

**“Estamos empenhados em trazer uma semente da Cultura e do Pensamento para Belo Horizonte”**



TÂNIA RÊGO - AGÊNCIA BRASIL

para um projeto de desenvolvimento. A partir disso, será possível construir estratégias capazes de fomentar a economia a partir da cultura.

Outro ponto a se ressaltar: não falaria em economia da cultura, mas em economias, no plural. Porque é necessário entender a cadeia produtiva de cada área, de cada setor e de cada linguagem cultural e artística. Ademais, ainda que evidenciando o potencial econômico da cultura, devemos ter cuidado para que essa dimensão não se sobreponha aos valores simbólicos e culturais. E é claro que as universidades, novamente, têm muito a contribuir para o que nos é, historicamente, muito caro que é a compreensão da cultura e da arte em todas as suas dimensões, simbólica, econômica e como um direito, tanto dentro das salas de aulas, como na própria forma de pensar e organizar as universidades.

**RE&C: Um dos pilares da Universidade Pública é a extensão, juntamente com o ensino e a pesquisa. Essa extensão pressupõe tanto a ida de alunos, professores e outros atores internos à academia a comunidades externas, quanto a vinda dos membros dessas comunidades ao ambiente acadêmico, favorecendo, dessa maneira, um diálogo, de fato, extensionista. Como a Cultura, de maneira geral, pode favorecer e ajudar nesse encontro entre academia e comunidade na opinião do senhor?**

**Juca Ferreira:** Os muros de uma universidade são construções que, de maneira alguma, podem impedir o diálogo com as comunidades externas. A atividade de extensão é uma via de mão dupla. É um espaço privilegiado para o reencontro do saber acadêmico e do saber popular, embora este encontro precise acontecer em todos os demais espaços acadêmicos. É onde

**“Os muros de uma universidade são construções que, de maneira alguma, podem impedir o diálogo com as comunidades externas”**

se encontram inicialmente os camponeses e os agrônomos, como dizia Paulo Freire, ou os costureiros e os estilistas, os cozinheiros e os chefes.

E a cultura, em sua transversalidade, é tanto provocadora quanto propulsora do encontro e da fricção desses ambientes. Pensar a relação entre as universidades e a sociedade por meio de atividades de extensão é enxergar melhor o lugar em que uma universidade se situa e os sentidos da sua existência, das pesquisas que são realizadas, da formação, da sua forma de se organizar. Não há educação descontextualizada dos processos culturais.

Vejo este reencontro como estruturante e renovador para toda

a práxis universitária, contribuindo significativamente para a renovação acadêmica e, assim, para mudanças sociais. Pensar políticas de arte e cultura para a extensão é importante inclusive para garantir o reconhecimento destes diversos saberes e para reafirmar o movimento de diálogo, e não de transmissão vertical do conhecimento, desconhecendo a cultura e o saber popular.

**RE&C: Desde o fim de 2016, a Coordenação-Geral de Atividades Culturais do CEFET-MG, vinculada à Diretoria de Extensão, vem trabalhando em uma minuta, com a participação de toda a comunidade acadêmica e público externo, para a criação de uma**

**“Ainda que evidenciando o potencial econômico da cultura, devemos ter cuidado para que essa dimensão não se sobreponha aos valores simbólicos e culturais”**

**“É fundamental pensarmos em programas nas universidades que sejam capazes de fortalecer práticas e saberes culturais”**

**“Política de Arte e Cultura do CEFET-MG”. Essas diretrizes, inclusive, estão disponíveis para alterações e sugestões num arquivo no Google Docs (<https://goo.gl/xf6F78>). Ainda que isso não seja regra nas Universidades Públicas Brasil afora, qual opinião do senhor sobre esse tipo de iniciativa?**

**Juca Ferreira:** A construção de políticas de arte e cultura nas universidades é a garantia do exercício dos direitos culturais da comunidade acadêmica e externa a ela, além de ser um instrumento que coloque as universidades em constante reflexões sobre suas próprias estruturas. As universidades brasileiras nasceram tardiamente e mais tarde ainda despertaram para o seu compromisso social, influenciadas e até pressionadas por diversos movimentos como a União Nacional dos Estudantes. E os avanços que foram conquistados precisam ser revistos com constância para não se perderem no tempo, nas trocas de gestão, tanto acadêmicas quanto governamentais. Por isso, é fundamental pensarmos em políticas e programas nas universidades que sejam capazes de fortalecer as práticas e saberes culturais nos processos educativos como um caminho para a qualificação e a ampliação do repertório cultural de jovens de



tudo país e garantia de seus direitos culturais.

Vejo com louvor a iniciativa do CEFET-MG, embora não possa opinar sem conhecê-la mais intimamente. De toda forma, vale lembrar também o papel das universidades na formação de gestores e conselheiros culturais, um dos componentes da estrutura do Sistema Nacional de Cultura como uma das ações necessárias ao desenvolvimento cultural do país. É importante que as universidades públicas tomem lugar central na criação de uma política voltada

para a formação em gestão e política cultural.

Outro desafio talvez seja pensar a interdisciplinariedade e rever o hábito que temos de pensar a cultura a partir das linguagens artísticas separadamente. As especificidades são importantes, mas é preciso também ampliar o olhar e enxergar a amplitude de suas dimensões. A superação da fragmentação de campos disciplinares, a abertura para as mais diversificadas formas de saber e manifestações da cultura e da arte são exemplos de questões que devem permear a lógica universitária. ■

# Reportagens



FOTOS ARQUIVO CEFET-MG

# Festival de Arte e Cultura, da ideia à consolidação como política cultural permanente

Em 2018, o Festival completa 12 anos com uma agenda diversificada, *multicampi* e que fomenta manifestações culturais entre alunos, professores e comunidade externa

André Luiz Silva  
JORNALISTA

Mais de uma década de poesia, dança, música, teatro e muitas outras expressões artístico-culturais... Há doze anos tinha início o primeiro Festival de Arte e Cultura do CEFET-MG. Idealizado pelos professores Camilo Lara (falecido em 2016) e Rogério Barbosa para fomentar manifestações culturais e artísticas produzidas dentro e fora da Instituição, o Festival, desde 2006, busca promover a criatividade e formar um público sensível à importância da arte e da cultura nos processos educacionais.

De acordo com Rogério, a proposta inicial do evento era de ser um espaço aberto e favorável ao processo formativo no campo das artes dentro do CEFET-MG. “Mas acredito que foi mais longe: o Festival de Arte e Cultura organizou as atividades esporádicas existentes até então, que passaram a ser amadurecidas para os Festivais seguintes”, conta o professor. Outro ponto benéfico, na opinião dele, foi a expectativa criada por todos a cada nova edição do Festival.

## Uma história do Festival

Inspirado em festivais de arte e cultura já realizados por outras instituições federais de ensino superior, o primeiro Festival de Arte e Cultura do CEFET-MG foi realizado em 2006. À época, a iniciativa dos professores Camilo Lara, então chefe da Seção de Atividades Cultural e Cívica (hoje Coordenação Geral de Atividades Culturais) e Rogério Barbosa, do Departamento de Linguagem e Tecnologia (Deltec), foi apoiada pela Direção Geral, que financiou o evento a partir de um convênio com a Caixa Econômica Federal. Apesar do apoio institucional, explica Rogério, o evento realizou-se graças à parceria de poetas, artistas e professores, pois nem tudo era ou podia ser financiável. “O cômputo geral foi de sucesso. O primeiro festival marcou a adesão ou o aceite da virada cultu-



**“O Festival de Arte e Cultura organizou as atividades esporádicas existentes até então, que passaram a ser amadurecidas para os Festivais seguintes”**

*Prof. Rogério Barbosa*

ral dentro do CEFET-MG, por contar com apoio dos coordenadores de cursos e das diretorias de *campi*, embora tenha sido realizado somente no *campus* Belo Horizonte”, lembra.

O segundo Festival ocorreu em setembro de 2008, nos *campi* I e II do CEFET-MG, em Belo Horizonte, mas contou com a participação de alunos e professores de alguns *campi* do interior. Desse segundo Festival, explica Rogério, o que se pôde constatar foi que o evento havia se consolidado como política de arte e cultura. “Embora não tenhamos conseguido a par-



## “A diversidade continuou no segundo Festival, com música, dança, literatura, exposição de arte e performances”

Prof. Rogério Barbosa

ceria de todos os *campi* do CEFET-MG na ocasião, foi importante a visita que fizemos a vários desses *campi* e isso permitiu a participação de professores de Divinópolis, Araxá e Varginha naquela edição. A diversidade continuou com a música, a dança, a literatura, exposição de arte e performances”, afirma o professor.

O terceiro Festival foi realizado cerca de três anos depois, em junho de 2011, quando de fato houve uma descentralização da programação para os diversos *campi* do CEFET-MG localizados em oito cidades: Araxá, Belo Horizonte, Curvelo, Divinópolis, Leopoldina, Nepomuceno, Timóteo e Varginha. Naquela oportunidade, quem coordenou a organização do Festival com o professor Camilo foi

Vítor Guimarães, atual coordenador-geral de Atividades Culturais. As atividades do evento naquele ano, lembra Vítor, pautaram-se pela pluralidade, não só por causa do número de *campi* envolvidos, mas pela diversidade das propostas culturais e artísticas. “Incluíram performances de estudantes em ônibus municipais de Varginha, exposição de fotos em Divinópolis, encontro de literatura e educação em Leopoldina, apresentações musicais em Belo Horizonte, oficinas fotográficas em Curvelo, entre outras atividades”, conta.

Um ano depois foi realizado o quarto Festival de Arte e Cultura, que, como na edição anterior, contou com a participação maciça de alunos e professores de todos os *campi*,

mas com uma novidade: a presença do *campus* Contagem, então recém-inaugurado, na programação geral. Segundo o professor Vítor, mesmo tendo entrado em funcionamento em 2012, o *campus* Contagem integrou as atividades do Festival, com exposições de desenho, fotografia e escultura de alunos e apresentações musicais. “Outra ação que marcou aquele Festival foi a grande quantidade de atividades extramuro, manifestações que extrapolaram as dependências do CEFET-MG”, lembra. Quem esteve em Varginha pode acompanhar, no teatro Capitólio, um concerto de piano. Em Timóteo, houve um festival de bandas no Terminal Rodoviário da cidade. Em Curvelo, no Cine Virgínia, ocorreram apresentações de grupos de dança. Em Varginha, unindo o social ao cultural, foi feita a coleta de livros de literatura infanto-juvenil para doação à Escola Municipal da Fazenda Remanso, zona rural do município. Em Nepomuceno, com o intuito de resgatar e valorizar os artistas da região, foi realizado o I Festival da Canção. Um dos destaques de Divinópolis foi a exibição do documentário sobre a artista plástica divinopolitana Celeste Brandão, que retrata em suas telas a memória da cidade.

O quinto Festival de Arte e Cultura, realizado em 2013, foi a edição que consolidou a programação diversificada, extramuro e *multicampi* que teve início no ano anterior, com manifestações artísticas e culturais nas nove cidades mineiras onde o CEFET-MG está presente.

A sexta edição do Festival foi a primeira com uma temática específica: os 200 anos de morte de Aleijadinho. Embora o evento mantivesse seu viés plural, explica o coordenador-geral de Atividades Culturais do CEFET-MG, com apresentações artís-

## “Outra ação que marcou o quarto Festival foi a grande quantidade de atividades extramuro, que extrapolaram as dependências do CEFET-MG”

Prof. Vítor Guimarães

ticas, exposições, shows, entre outras atividades culturais, deu-se “espaço a manifestações relacionadas ao artista mineiro ou ao seu estilo, o Barroco”. Outro destaque daquela edição foi o foco nas oficinas. Tinha de tudo: poética do corpo, cerâmica, teatro, xilografia, canto, forró e muito mais. Uma das que mais fizeram sucesso foi a de rock, que buscou proporcionar uma introdução ao estilo musical, com uma parte teórica sobre a história do rock e suas vertentes, organização, produção e publicidade de uma banda e uma parte prática de bateria, guitarra, baixo e técnicas de canto.

Seguindo a proposta da edição anterior, de se constituir a partir de

uma temática, o sétimo Festival de Arte e Cultura, que foi realizado em novembro de 2016, teve como mote *Samba e Sertão*. De acordo com Vítor, o tema foi escolhido levando em conta os 100 anos do Samba no Brasil, e o sertão mineiro, particularmente o sertão de *Sagarana* e de *Grande Sertão: Veredas*, obras de Guimarães Rosa que comemoravam naquele ano 70 e 60 anos de publicação, respectivamente. “Também foi a edição que homenageou o professor Camilo Lara, que nos deixou naquele ano, na trilha dos conteúdos de arte e cultura produzidos pelo CEFET-MG, nas áreas da música, das artes visuais, de teatro e dança, da literatura e da arte digital”, lembra o professor. ■

## “O sétimo Festival foi a edição que homenageou o professor Camilo Lara, que nos deixou naquele ano, na trilha dos conteúdos de arte e cultura produzidos pela Instituição”

Prof. Vítor Guimarães

# Ao mestre, com carinho

Poeta, escritor, editor, agitador cultural, conheça um pouco quem foi o professor Camilo Lara Guimarães, homenageado nesta edição da **Revista Extensão & Comunidade**

**André Luiz Silva**  
JORNALISTA





No dia 7 de fevereiro de 1997, Camilo Rogério Lara Guimarães tomou posse como Professor de Ensino Básico Técnico e Tecnológico do CEFET-MG no Departamento de Ciências Sociais e Filosofia (DCSF). Nos quase 20 anos em que esteve na Instituição, Camilo sempre fomentou ações de arte e cultura. Foi ele quem idealizou o Festival de Arte e Cultura do CEFET-MG e coordenou suas edições até o ano de 2012, quando esteve à frente da Seção de Atividades Cultural e Cívica (atualmente, Coordenação Geral de Atividades Culturais). Participou ainda da criação da **Revista Extensão & Comunidade**.

No entanto, a relação de Camilo com as manifestações artístico-culturais é bem anterior ao seu ingresso no CEFET-MG. Atuante como produtor e promotor de cultura por onde quer que fosse. Escritor, poeta, editor e coeditor de publicações de literatura, criou, na década de 1980, o *Grupo Dazibao*, em Divinópolis, pelo qual publicou textos literários em vários formatos: jornal, revista,

jornal mural, cadernetas, livros etc. Já em Belo Horizonte, organizou, sozinho e em coautoria, várias publicações experimentais em poesia, como a coleção *Poesia Orbital* (livro de poesias por ocasião dos cem anos de Belo Horizonte), o jornal *Dezfares*, as revistas *Ato e Corvo*, o livro *A física dos Beatles*, entre outras. Além disso, organizou e realizou inúmeros recitais (performances e leituras de poesia) por onde passou. No CEFET-MG, organizou vários eventos de leitura e recital de poesia, atrelados aos lançamentos de livros, revistas e jornais, e espalhando entre os alunos da instituição o desejo de ler e escrever poesia.

### O legado de um homem

Nesta edição da Revista Extensão & Comunidade, em que fazemos uma homenagem ao professor Camilo Lara, convidamos alguns dos amigos de trajetória no CEFET-MG para falar sobre os anos de convívio com ele.

### Professor Vítor Guimarães

Coordenou o Festival de Arte e Cultura com Camilo a partir de 2011

Camilo Lara sempre foi companheiro (de) da vida. O amigo, o colega, o professor... Sempre teve, diante dos caminhos que se abriam para ele e para quem o acompanhava, uma direção segura a seguir. Sempre conferia às ações e às atividades que propunha e desenvolvia um sentido de coletividade.

Camilo Lara deixou o nosso convívio de uma forma bem particular: deixou-nos um vazio provocativo, que nos convida sempre a rever e a pensar a materialidade da vida e, em se tratando do CEFET-MG, rever e pensar a arte e a cultura na Instituição a todo instante. Daí que a discussão sobre Política de Arte e Cultura do CEFET-MG tem seu lugar como parte do legado que construiu. Não foi algo deixado para trás e do que nos apropriamos. Isso, para os que conviveram com ele, já é parte das próprias histórias, na experiência dos festivais, dos saraus, das várias e diversificadas atividades e manifestações de arte e cultura idealizadas,

fomentadas, promovidas, organizadas sob a sua coordenação. Algo de onde partimos para a construção de arte e cultura no CEFET-MG de hoje.

Lembro do Camilo me dizendo, com seu humor extremamente refinado, que havia contratado o próprio funeral, que ia ser cremado e que a casa funerária era um local até interessante! Dizia isso, entremeando algumas boas risadas. Talvez já sentisse a partida. O mesmo sentimento que eu presenciava nas vezes em que as atividades culturais no CEFET-MG estavam em curso e os obstáculos nos impediam (tenho muita gratidão de ter trabalhado junto dele) de prosseguir como gostaríamos; ele sempre apontava uma direção, invariavelmente a melhor e a mais generosa e segura, tanto para as pessoas envolvidas, quanto para as ações e atividades que seriam realizadas.

Isso tudo, quando falamos de trabalho, o que nunca nos fragmenta(va), como pessoas afeti-



### Trajétoria institucional

Graduado em História pela Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), em 1985, Camilo tornou-se mestre (2010) e doutor (2016) em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Ingressou como servidor no quadro permanente do CEFET-MG em 1997 como Professor de Ensino Básico Técnico e Tecnológico, vinculado ao Departamento de Ciências Sociais e Filosofia (DCSF). De outubro de 2003 a outubro de 2011, coordenou a Seção de Atividades Cultural e Cívica. De outubro de 2011 a fevereiro de 2013, foi diretor adjunto da Diretoria de Extensão e Desenvolvimento Comunitário do CEFET-MG.

**“(...) ele sempre apontava uma direção, invariavelmente a melhor e a mais generosa e segura, tanto para as pessoas envolvidas, quanto para as ações e atividades que seriam realizadas”**

*Prof. Vítor Guimarães*

vamente envolvidas com a vida e uns com os outros. Essa percepção de que a vida era um todo – e um tudo –, integrada nas suas várias dimensões, era algo notável nele, algo que nos deslocava, embora não parecesse, de

## “Homem inteiro, capaz de pausar o dia para ouvir o amigo”

Prof. Vítor Guimarães

### Professor Rogério Barbosa

*Idealizou o Festival de Arte e Cultura do CEFET-MG juntamente com Camilo, em 2006*

Quem conheceu o poeta Camilo Rogério Lara Guimarães, ex-professor do Departamento de Ciências Sociais e Filosofia, sabe de sua postura inquietada quando o assunto era a produção cultural no Estado de Minas Gerais, e em especial nas cidades em que habitava ou por onde passou: Itaguara, Divinópolis, Ouro Preto, Mariana, Belo Horizonte. Sim, Camilo nasceu em Itaguara em 31 de julho de 1959, mas viveu a maior parte da sua vida em Divinópolis e Belo Horizonte, havendo passado um período em Ouro Preto e Mariana onde se graduou em História pela UFOP. Em Mariana e em Divinópolis estão os primeiros registros de suas atividades criativas e do papel de agitador cultural, que assumiria então ao longo dos anos. Durante o período de sua graduação, Camilo militou nos

alguma posição acomodada em que estivéssemos. Sua maneira de seguir nos dias, de forma despojada, leve e, ao mesmo tempo, densa, cheia de poesia e música, sempre foi desconcertante e, ao mesmo tempo, séria, sem ser sisuda. Talvez cada um de nós enxergue um Camilo Lara...

E quando falamos das questões mais íntimas que nos atravessam nos dias, é que se revela(va) a amizade, o afeto, o amor do Camilo Lara, homem inteiro, capaz de pausar o dia para ouvir o amigo e apontar sorrindo aqueles caminhos com direção e, por vezes, se dispor a seguir junto deles enquanto não estivéssemos seguros de ir. Não foram poucas vezes

jornais estudantis em prol da cultura e seu TCC defendido em 1986, que lhe conferiu o bacharelado em História, demonstra o seu interesse pelo aspectos políticos e culturais numa dimensão de ativismo: *A dimensão cultural na crise do populismo: Centro Popular de Cultura (CPC)*. Esse traço marcante em sua trajetória permaneceu na sua formação ao nível de mestrado e doutorado, com o interesse pelas políticas culturais nos

nas quais tive isso pra mim, em momentos-chave da minha vida. Enfim.

Para todos que o conheciam, sua companheira e seu filho, sua família, e nós, seus companheiros de caminhada na Instituição, Camilo Lara continua a nos provocar, abissalmente, com seu sorriso e suas atitudes diante da vida e do que ela pode nos oferecer quando existe coragem na busca.

Por isso ele sempre foi companheiro (de) da vida. Sem aprisioná-la no caminho. Dialogando, constantemente, com as possibilidades de torná-la melhor para todos. E é assim que se vive (e se morre – o que é apenas uma passagem) em paz.

Estado de Minas Gerais. Mas seu interesse pelo tema foi sempre além do acadêmico, pois Camilo sempre se dedicou às ações coletivas como uma abertura para o fazer poético e artístico. Assim, foi sempre um expoente do *Grupo Dazibao*, produzindo e editando poesia, abrindo caminho para as novas gerações de criadores e reunindo poetas e grupos em ações mais amplas em Divinópolis e em Belo Horizonte. Aqui, pude partilhar

## “(...) sempre se dedicou às ações coletivas como uma abertura para o fazer poético e artístico”

Prof. Rogério Barbosa

com ele ações editoriais nos coletivos que assim se tornaram: revista *Ato* e jornal literário *DezFaces*, entre 2004 e 2011.

Conheci-o em 1997 no meio literário quando se lançava em Belo Horizonte a coletânea *Poesia Orbital*, em cujo projeto se almejou reunir cem poetas/cem livros em comemoração aos cem anos de Belo Horizonte. Camilo já era professor do CEFET-MG. Começamos, no entanto, pelas interfaces que nos aproximavam em nossas diferentes formações, o historiador e o professor de literatura, e as convergências no campo da poesia contemporânea e da cultura artística. A partir daí nossos projetos acadêmicos e de formadores culturais se entrelaçaram sempre dentro da Instituição, começando por nossa atuação no curso de Turismo, de cujo projeto fomos cúmplices também, integrando a comissão proponente. Depois, atestando o marasmo cultural no CEFET-MG, e já em plena gestão, a primeira, do professor Flávio Santos, também sempre atento a essa questão, começamos o trabalho intramuros. O diretor-geral, Flávio Santos, o nomeou para a então Seção de Atividades Cultural e Cívica em 2003. Camilo me convidou a fazer parte com ele dessa aventura em 2004. Fui parceiro e auxiliar em várias das atividades que implementamos. Entre as muitas, vale ressaltar aquelas que nos dedicamos à divulgação da poesia, organizando saraus, publicando livros e revistas: as edições *SAC-DAZIBAO*, com os livros *O Corvo* e *O Anu*, de Edgard Allan Poe e Carlos Versiani, respectivamente, e *Blues*, de Wagner Moreira, ambos em 2004; a revista *Ato* (2004 a 2006), com seis números, parceria do CEFET-MG e Lei de Incentivo à Cultura do Estado de Minas Gerais; e em seguida apoio ao jornal *A Parada* (2004 a 2006), com

## “(...) pude partilhar com ele ações editoriais nos coletivos literários”

Prof. Rogério Barbosa

quatro números e apoio do CEFET-MG. Tais ações foram importantes primeiro porque consistiram numa atividade de formação de leitores e estímulos a jovens criadores, que também íamos projetando para a cena cultural de Belo Horizonte, caso do grupo de *A Parada*. Segundo, porque foram ações que começaram a tomar o espaço puramente acadêmico do CEFET-MG com o necessário alimento cultural. E foi justamente por uma percepção de que os muros do CEFET deveriam ser mais maleáveis, trazendo e levando experiências culturais e criativas que foi nascendo o projeto do I Festival de Arte e Cultura.

Camilo Lara sempre teve uma imensa capacidade de diálogo e, em sua conversa tranquila e propositiva, foi atraindo novas parcerias para dentro do CEFET-MG, no campo da música, com o maestro Lucas D'Oro,

da dança, com os professores Helenice Vieira, Valéria Cupertino e Maurício Couto, e na área de Letras, com Olga Valeska, Ângela Vieira, Giani David Silva, Roniere Menezes e Wagner Moreira (que na época ainda não era professor do CEFET-MG), além de mim próprio, e também dos professores dos *campi* do interior, especialmente de Divinópolis e Araxá.

Com o forte apoio da Direção Geral, que nos orientou, apoiou e financiou, abriram-se os horizontes e vislumbramos a realização do I Festival de Arte e Cultura em Belo Horizonte, em 2006. Idealizado e programado, o Festival realizou-se com a parceria inestimável de poetas, artistas e professores (nem tudo era ou podia ser financiável), e contou com inúmeras oficinas (arte, poesia, música e percussão etc.), prêmio literário, mostra de dança, palestras, lançamento de

## “(...) sempre teve imensa capacidade de diálogo, atraindo novas parcerias para o CEFET-MG”

Prof. Rogério Barbosa

jornais e revista *Ato*, festival de banda de alunos, entre outras manifestações. O cômputo geral foi do sucesso do Festival, que empolgou os alunos e muitos professores dos *campi* de Belo Horizonte e do interior que integraram o Festival. Do ponto de vista acadêmico, o primeiro festival marcou a adesão ou o aceite da virada cultural dentro do CEFET-MG, por contar com apoio dos coordenadores de cursos e das diretorias dos *campi*.

Como sabemos, em 2016, o Festival de Arte e Cultura completou 10 anos e foi realizada sua sétima edição. O legado de Camilo é visível,

e vem passando por mãos diversas, como a da professora Cláudia França e do professor Vítor Guimarães, atual coordenador-geral de Atividades Culturais e organizador do Festival. Esse legado passou também pela realização *multicampi* do Festival, feito alcançado na gestão do professor Vítor, e caminha agora para o seu ápice: a constituição de uma política cultural no CEFET-MG. Aqui encontramos quase que inadvertidamente a promessa que Camilo Lara nos fez de modo discreto e a que se dedicou nos últimos anos. A história vai se contando...

#### Professora Ana Lúcia Barbosa Faria

*Leciona no Departamento de Ciências Sociais e Filosofia (DCSF), o mesmo onde Camilo foi professor; inclusive, ela foi da banca examinadora do concurso que aprovou Camilo como professor efetivo do CEFET-MG*

Falar sobre Camilo é ainda muito doloroso para mim e, ao mesmo tempo, também um meio de processar sua ausência. Doloroso, em primeiro lugar, porque me conecta com mais duas perdas de entes queridíssimos que ocorreram em um espaço de tempo inferior a nove meses. A primeira foi a do Zé Luiz, amor da minha vida, e, em seguida, de Filipe Raslan, companheiro de luta e de alegamento, ambos professores do CEFET-MG. As partidas desses três camaradas, tão profundamente ligados ao meu caminho, são indissociáveis, estilçaram algo em mim e preciso aprender a reconstruir minha vida sem a presença inesquecível deles. Em segundo lugar, é doloroso pelo fato de a morte expor a fragilidade intrínseca à condição humana, manifesta no fenômeno da finitude.

Conheci Camilo como professor substituto de História e de Sociologia

da então denominada Coordenação de Estudos Sociais e nos tornamos bons amigos. Embora não fôssemos muito próximos, sabíamos que tínhamos forte identidade política e ideológica, além de adorarmos os *Beatles*. Ainda como professor substituto, Camilo desempenhou um papel fundamental no embate pela ruptura com a estrutura pedagógica tecnicista e autoritária, predominante em nossa Coordenação.

Em 1997, ele se submeteu ao concurso para professor efetivo do CEFET-MG. Eu participei da banca examinadora desse concurso; Camilo foi brilhante em todas as etapas, sendo aprovado em primeiro lugar. O seu ingresso no CEFET fez florescer um novo ambiente político-cultural com os Festivais de Arte e Cultura, entusiasta que era dos coletivos culturais, como o da poesia. Além do mais, era apaixonado pela música e um exímio

## “O legado de Camilo é visível, e vem passando por mãos diversas”

*Prof. Rogério Barbosa*

conhecedor da antologia musical popular brasileira de boa qualidade.

No âmbito mais específico da atividade de ensino, Camilo sempre demonstrou uma preocupação em elaborar material didático-pedagógico menos convencional para as aulas de História e Sociologia, como música, documentários e filmes. Nessa direção, Camilo, Regina e eu elaboramos uma mostra de música popular brasileira das décadas de 1960 até 2000, com o objetivo de caracterizar a juventude brasileira dessas várias gerações. Esse material, contendo as letras, era distribuído em forma de um caderno para os alunos e apresentávamos em sala de aula as melodias e analisávamos as composições.

Quando Camilo foi chefe de atividades culturais, organizou, juntamente com a Coordenação de Estudos Sociais (posteriormente Coordenação de Ciências Humanas e

Sociais), diversos eventos notáveis, dentre os quais: *Ciclos de Debates de Cabral a FHC outros 500*, em 2000, por ocasião dos quinhentos anos do Brasil; *A mostra liberdade essa: pelas liberdades democráticas*, em 2006; *A mostra de vídeos populares*, em 2007; e a Semana Acadêmica da Coordenação de Ciências Humanas e Sociais, com o tema *Quarenta anos de 1968: um convite para pensar a juventude hoje*, em 2008.

Construir essas atividades com o Camilo propiciava uma enorme satisfação, em razão do cuidado que tínhamos com todas as fases do planejamento e da organização do evento, desde a escolha do tema, sempre tendo em vista a formação das sensibilidades e a apresentação de referenciais para a compreensão da realidade. Desse modo, esses eventos foram extraordinariamente fecundos, graças à relevância dos temas tratados, à riqueza como os conteúdos foram abordados, ao grau de profundidade das discussões e à consistência dos expositores.

Meu vínculo com o Camilo tornou-se mais estreito a partir de 2008, quando ingressamos no mestrado em Ciências Sociais pela PUC-SP. Nós escolhemos a mesma área de concentração, Política, e, portanto, cursamos algumas disciplinas juntos. Quando fomos morar em São Paulo, estudávamos juntos para os seminários na Biblioteca da PUC e frequentávamos, após a aula, é claro, o Bar Krystal, que tinha uma mandioca com carne de sol divina e maravilhosa. Os frequentadores mais assíduos eram Carlos, Camilo e eu; às vezes, tínhamos a companhia da Verinha e do Caldeira. Conversávamos muito sobre o CEFET-MG, os nossos professores, os livros e os artigos que estávamos lendo e, sobretudo, sobre as nossas dissertações. À medida que o

## “(...) seu ingresso no CEFET fez florescer um novo ambiente político-cultural”

*Profa. Ana Lúcia Barbosa Faria*

tempo foi passando, a saudade da família, dos amigos de Belo Horizonte, foi aumentando, e o Bar Krystal era o espaço onde processávamos ou compensávamos a ausência do ambiente doméstico. Carlos nunca se adaptou bem a São Paulo; Camilo e eu gostávamos dessa experiência, mas sentíamos falta das nossas famílias.

Em 2010, Camilo defendeu a dissertação com o título *Política cultural e cidade: Secretaria Municipal de Cultura e Fundação Municipal de Cultura em Belo Horizonte (MG) - 1993-2008*. Quando retornamos do nosso afastamento para o mestrado, a Coordenação de Ciências Humanas e Sociais em que éramos lotados havia se transformado em Departamento. Nessa altura, as relações no âmbito do Departamento estavam muito

tensas e conflituosas. Por essa razão, nós (Bráulio, Caldeira, Camilo, Carlos, Milney, Oneize, Paulo, Regina e eu) ponderávamos acerca dos impactos produzidos por esses conflitos sobre o Departamento e sobre a nossa própria relação profissional. Em 5 de dezembro de 2011, criamos o Departamento de Ciências Sociais e Filosofia (DCSF) do CEFET-MG. Esse processo foi fruto de várias discussões em assembleia departamental que deliberou pela criação de uma comissão encarregada de pensar o desmembramento do Departamento de Ciências Humanas e Sociais e a criação de dois novos. Camilo fez parte dessa comissão e conduziu muito bem o processo. Criaram-se, assim, dois Departamentos: o de Geografia e História e o de Ciências Sociais e Filosofia. Criou-se

## “Camilo sempre se preocupou em elaborar material didático-pedagógico com música, documentários e filmes”

*Profa. Ana Lúcia Barbosa Faria*

também vínculo de amizade profundo entre os servidores que constituíram o Departamento de Ciências Sociais e Filosofia. Posteriormente este vínculo se estendeu a Fábria, ao Filipe e ao Igor, que se integraram mais tarde ao Departamento.

No ano seguinte, um novo embaite: a implementação da Filosofia e da Sociologia nas três séries do Ensino Médio. Para tanto, formou-se uma comissão da qual Camilo também fez parte. Após quase 40 anos, as disciplinas foram novamente incorporadas ao currículo do Ensino Médio, em junho de 2008, com a entrada em vigor da Lei nº 11.684. A medida tornou obrigatório o ensino das duas disciplinas nas três séries do Ensino Médio. Elas haviam sido banidas do currículo em 1971 e substituídas pelas matérias Educação Moral e Cívica e Organização Social e Política do Brasil (OSP/B). Esta demanda no CEFET-MG envolveu uma disputa institucional árdua durante quatro anos, e só conseguimos uma vitória muitíssimo parcial. Nessa contenda, o Camilo também teve um papel de grande importância.

Na campanha eleitoral do professor Flávio Antônio dos Santos para escolha do diretor-geral do CEFET-MG, mandato 2015-2019, Camilo engajou-se intensamente, assim como parte considerável dos demais servidores lotados no Departamento de Ciências Sociais e Filosofia. Segundo Camilo, o engajamento justificava-se pelas qualificadas gestões anteriores (de 2003 a 2011) do professor Flávio. Mais uma vez, Flávio foi vitorioso no pleito a diretor-geral do CEFET-MG.

Durante o nosso doutorado em Ciências Sociais na PUC-SP, Camilo aparentava estar desanimado, dava a sensação de que ele já queria viver outras coisas, como dedicar-se ao sítio que ele havia comprado e à

## “Camilo me falava com muita ternura de Adriana, sua companheira, e de seu filho Joãozinho”

Profa. Ana Lúcia Barbosa Faria

poesia. O universo acadêmico parecia não mais encantá-lo. Durante o ano letivo de 2013, nós pegávamos o mesmo voo para São Paulo e Camilo me falava com muita ternura de Adriana, sua companheira, e de seu filho Joãozinho. Acho que ele gostaria de ter mais tempo para eles, e o doutorado exigia uma dedicação quase que exclusiva. Ele sempre me dizia da compreensão e do apoio que recebia da Adriana. Conversávamos também sobre a nossa história de vida, tínhamos em comum o fato de termos perdido as nossas mães muito cedo. Camilo mal chegou a conhecer a mãe dele, pois ela morreu quando ele tinha dois anos apenas, durante o parto de um irmão, que também

veio a falecer naquele momento. E eu perdi a minha mãe aos cinco anos de idade. Nós conhecíamos bem essa dor e o esforço empreendido para superá-la.

Nós discutíamos bastante sobre os rumos da elaboração da nossa tese, sobre o que estávamos lendo e sobre os eventos de que tínhamos participado. Camilo, em 2014, embora tivesse obtido bolsa da CAPES – via programa de Ciências Sociais da PUC-SP, para estágio de Doutorado na Universidade Nova de Lisboa – recusou-a, e eu parti sozinha para o estágio em Portugal. Quando regresssei de Portugal, Camilo me revelou que estava apreensivo com o prazo de defesa; então sugeri que ele solici-

## “(…) discutíamos bastante sobre os rumos das nossas teses, o que estávamos lendo e os eventos de que tínhamos participado”

Profa. Ana Lúcia Barbosa Faria

tasse ao Filipe Raslan que lhe desse alguma orientação. Filipe e Camilo se deram muito bem! Ele defendeu, em 2016, a tese com o título: *Pontos de cultura em Belo Horizonte (MG) – impactos e limites do Programa Cultura Viva (2004-2014)*. Camilo conseguiu defender dentro do prazo estimado, e o Felipe participou da sua banca de defesa. Eu fiquei para trás, só consegui defender em março de 2017.

No meu aniversário de 61 anos, resolvi comemorar com parentes e amigos, para compensar o meu aniversário quase solitário de 60 anos. Comemorei os meus 60 anos em Portugal numa casa de fado somente com meu querido amigo Bráulio, que estava morando em Paris, e Ciro, um amigo professor da Universidade Federal do Norte de Minas. Nos meus 61 anos, Filipe Raslan, que fazia aniversário um dia após o meu, resolveu dividir a festa comigo. Esta festa varrou a noite embalada por uma longa e divertida cantoria que abriu caminho para outras cantorias. Contava com Regina Freitas ao violão e Camilo Lara ao bongo. Assim, as cantorias foram ótimas, animadíssimas, e tinham um repertório de primeira categoria.

Desde o final de 2015, Camilo já apresentava um cansaço, mas foi o amigo que mais ouviu as minhas lamentações quando o Zé Luiz morreu em novembro de 2015. Camilo foi o meu amigo de alma, irmão que não tive. Daí para a frente, foi tudo muito triste: Filipe morreu em 2 de agosto de 2016 e Camilo em 27 de agosto de 2016. Tenho razão para sentir muitas saudades, pois eles foram pessoas que marcaram muito positivamente a minha vida. Sinto falta de conversar com eles, de ouvir suas opiniões sobre a conjuntura, de rir das suas gozações, das suas gaiatices e das piadas que eles, com sagacidade *sui generis*, tiravam constantemente da cartola.

## “Camilo foi o meu amigo de alma, irmão que não tive”

Profa. Ana Lúcia Barbosa Faria

Meu único consolo é que eles não vão presenciar a devastação aviltante, protagonizada pelo Chicago-Boy brasileiro Henrique Meirelles e pelo golpista Michel Miguel Elias Temer Lulia que visa dilapidar socioeconomicamente o Brasil nos patamares das sociedades africanas subsaarianas.

Entretanto, se existir outra vida (o que eu não sei e ninguém sabe, portanto posso considerar essa possibilidade), acho que Camilo está sentado à esquerda de Tom Jobim, acompanhando com bongo a canção *Eu e a Brisa*. Filipe está cantando com sua voz grave e o Zé tentando acompanhar a letra que ele nunca decora, mas inventa outra com habilidade ímpar. Imagino também que

participam da cantoria Noel Rosa, Pixinguinha, Torquato Neto, Clementina de Jesus, Elis Regina, Nara Leão, Gonzaguinha, Luiz Gonzaga, Baden Powell, Clara Nunes, Dolores Duran, Aracy de Almeida, Dominginhos, Vinicius, Cartola, Cazuza, Adoniran Barbosa, Paulo Vanzolini, Luiz Melodia. Contanto que lá em cima já tenha sido implantada a Internacional Socialista, participam também John Lennon, George Harrison e Janis Joplin, entre outros. A festividade musical é do nível requisitado pelo poeta Ariano Suassuna. Como não têm que se preocupar mais com a saúde, podem beber todas, como eles bem gostam. Boa cantoria queridos amigos de alma! ■

## “(…) se existir outra vida, acho que Camilo está sentado à esquerda de Tom Jobim, acompanhando com bongo a canção Eu e a Brisa”

Profa. Ana Lúcia Barbosa Faria

# Para além dos shows, políticas culturais nas universidades

Os professores João Meyer, da Unicamp, e Elias Gomes, da Unifal, comentam os desafios da promoção da cultura na vida acadêmica

**Diogo Tognolo**  
JORNALISTA

Do que é feita uma universidade? Não se trata apenas dos conhecimentos construídos em salas de aula e laboratórios. São as tecnologias de ponta, mas também a presença dos *campi* em diversos pontos do país e do contato entre diferentes pessoas. Por que a cultura não está inserida de forma mais profunda nesse jogo?

É isso que se perguntam João Frederico Meyer, o Joni, pró-reitor de Extensão e Assuntos Comunitários da Universidade de Campinas (Unicamp), entre 2013 e 2017, e Elias Evangelista Gomes, coordenador de cultura da Pró-Reitoria de Extensão da Universidade Federal de Alfenas (Unifal) e do Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Instituições Públicas de Educação Superior (Forproex). Para ambos, a cultura deve ser parte fundamental das atividades das universidades e deve ser entendida de forma ampla.

Conforme explica Elias Gomes, as políticas culturais são as iniciativas de organização, proteção, criação, promoção e difusão dos bens simbólicos. Especificamente nas instituições de

educação, as políticas culturais devem ser parte dos eixos que as guiam. “A cultura se relaciona, ao mesmo tempo, com o ensino, a pesquisa, a extensão e a gestão, tanto no seu potencial artístico quanto nos seus aspectos socializadores”, afirma o professor. Para Elias, é reducionista pensar em políticas culturais apenas se limitando aos espaços, produções e eventos artísticos – aspectos que são importantes, mas não os únicos quando se trata de cultura. “Vou dar um exemplo. Quando há um processo de licenciamento ambiental, pesquisadores de várias áreas são convidados para emitirem pareceres”, detalha. “Se uma barragem hidrelétrica é pensada apenas nos seus aspectos construtivos e nos interesses econômicos das empreiteiras, pode haver uma significativa desconsideração com os impactos culturais na região atingida”.

## Diálogos

O Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Instituições Públicas de Educação Superior (Forproex) define a cultura como um de seus eixos



principais. Entre os objetivos da Política Nacional de Extensão Universitária, documento publicado em 2012, o Fórum estabelece que deve “priorizar práticas voltadas para o atendimento de necessidades sociais, relacionadas com as áreas de Comunicação, Cultura, Direitos Humanos e Justiça, Educação, Meio Ambiente, Saúde, Tecnologia e Produção, Trabalho” e “considerar as atividades voltadas para o desenvolvimento, produção e preservação cultural e artística como relevantes para a afirmação do caráter nacional e de suas manifestações regionais”.

Mas, se como aponta Elias, a cultura não se resume a shows, espetáculos e exposições, como ela pode contribuir para a sociedade? Um caminho, para o professor, é dialogar de forma mais próxima com os diferentes grupos que compõem a universidade. “Considerar os contextos em que estamos inseridos é uma baliza importante para quem trabalha com cultura”,

explica. “Por exemplo, há um novo cenário nas instâncias educativas brasileiras. Cresceram as demandas por melhor acolhimento e reconhecimento das diferenças e das diversidades”. Citando o exemplo das políticas de reserva de vagas para negros, indígenas e estudantes de escolas públicas, o professor Elias Gomes afirma ser importante avançar no reconhecimento dos saberes desses grupos. “Por isso, é interessante que os projetos, os programas, os eventos, os cursos, as prestações de serviços, as publicações e as demais as ações de extensão promovam diálogos interculturais, encontros entre saberes diversos”. A cultura atua, para o professor, como maneira de mostrar aos estudantes que eles são parte da academia. “Para os estudantes de diferentes cursos, o envolvimento com atividades paralelas à realização das disciplinas, pode contribuir para uma melhor permanência, a elaboração de projetos de vida e de futuro e a atribuição de

**“A cultura se relaciona, ao mesmo tempo, com o ensino, a pesquisa, a extensão e a gestão”**

*Prof. Elias Gomes*



Joni defende que a cultura não é apenas mais uma forma de expandir a atuação das universidades, mas de mostrar à sociedade o que é feito dentro dos muros

## “Precisamos criar condições para a sociedade tomar conhecimento daquilo que as universidades fazem”

Prof. João Meyer

sentidos para a formação escolar e universitária. Fazer arte e cultura é ter um olho nas pessoas e outro na estrutura. Por isso, em várias instituições ainda é necessário elaborar planos institucionais de cultura que considerem a expansão dos espaços, quando necessários, tornar os ambientes exclusivos em multiusuários, fazer a manutenção dos existentes e, principalmente, democratizar o uso”.

### Expansão

Dados da Secretaria de Educação Superior, órgão do Ministério da Educação, mostram que, em 2012, 275 municípios brasileiros eram atendidos com *campi* de universidades federais. Na Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica que inclui, além do CEFET-MG, o CEFET-RJ, o Colégio Pedro II e os Institutos Federais, são 644 *campi*. Para Elias Gomes, é importante que o ensino esteja se expandin-

do para todos os cantos do país. “Contudo, a produção cultural ainda está bastante centralizada nas sedes, cidades polos e nas capitais ou naqueles *campi* que têm cursos de artes”, afirma o professor. A solução, para ele, passa por envolver as pró-reitorias de gestão de pessoas, de assuntos estudantis e comunitários, além da própria extensão e cultura, para viabilizar as ações. “Mas há também outros agentes fazendo arte que podem interagir, como por exemplo, os movimentos estudantis e sociais, as atléticas, artistas locais. Às vezes, temos espaços físicos e equipamentos tecnológicos que ninguém mais tem nas nossas cidades, por que não fazermos cultura juntos? Podemos unir pessoas e estruturas ampliando a programação, principalmente, nas periferias e interiores do país”.

Para Joni, da Universidade de Campinas, a cultura não é apenas mais uma das formas de expandir a atuação das universidades, mas também de



Para o prof. Elias Gomes, as políticas culturais são as iniciativas de organização, proteção, criação, promoção e difusão dos bens simbólicos

mostrar à sociedade o que é feito dentro dos muros. “Precisamos criar condições para a sociedade tomar conhecimento daquilo que as universidades fazem. A linguagem acadêmica e seus jargões não estão preparados para isso. Aí entram a criatividade, a expressão artística, a criação de culturas e o resgate de ações culturais populares”. Segundo Elias, a cultura também ajuda a entender que a sociedade não é um “outro”, separado da universidade. “As políticas culturais podem ajudar na ruptura das fronteiras que distinguem as pessoas por meio da desigualdade. Fazer junto é muito mais que abrir o palco da universidade para um grupo se apresentar. É promover encontros, relações e interações”.

Para ambos os professores, há grandes desafios para se intensificar a implantação de políticas culturais nas instituições de ensino. De acordo com Joni, há uma constante falta de recursos para a área, além de serem poucos

os espaços adequados para atividades culturais. Em seu trabalho na Coordenadoria de Desenvolvimento Cultural da Unicamp, Joni afirma que os recursos vieram depois de muita luta em editais internos e externos. Para Elias, não é possível que a cultura seja colocada na mesma fila de prioridade de laboratórios, salas de aula e reagentes. “Considerando todas as atividades relevantes, as políticas culturais deveriam ser vistas como prioridades específicas. Porém, para isso ocorrer, é preciso que elas sejam entendidas como centro do conhecimento e não como apresentação artística em abertura de evento”. O ganho, afirma o professor, é justamente quando a cultura é pensada a partir da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, “entendendo o impacto na formação do estudante, o impacto social, a interdisciplinaridade, a formação de redes... O trabalho orientado por esses princípios pode nos fortalecer”. ■

## “As políticas culturais podem ajudar na ruptura das fronteiras que distinguem as pessoas por meio da desigualdade”

Prof. Elias Gomes

# A cultura pede passagem: projeto Corredor Cultural Forproex Sudeste é exemplo de política cultural

Em funcionamento desde 2015, iniciativa integra 17 instituições de ensino superior na região e se conecta com o público externo por meio de ações culturais

**Gilberto Todescato Telini**  
JORNALISTA

Fomentar e ampliar a visão de cultura em suas três dimensões: simbólica, econômica e cidadã. Esse é o grande objetivo do projeto Corredor Cultural do Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Instituições Públicas de Ensino Superior (Forproex) Sudeste.

Pode parecer restrita a atuação do grupo, mas ele é composto por 17 instituições de ensino superior dos Estados de Minas Gerais, São Paulo, Rio de Janeiro e Espírito Santo. Além disso, como projeto extensionista, ele integra não apenas as instituições, mas também comunidades do seu entorno. Mostras e exposições, cursos e oficinas, música e artes da cena são as modalidades empreendidas pelo Corredor Cultural Forproex Sudeste.

## Surgimento do projeto

Em abril de 2013, aconteceu, em Salvador (BA), o “1º Seminário Cultura e Universidade: bases para uma política nacional

de cultura para as Instituições de Ensino Superior”, uma iniciativa do Ministério da Cultura (MinC) em parceria com a Universidade Federal da Bahia (UFBA). As temáticas debatidas durante o encontro resultaram em uma reunião, naquele mesmo ano, entre pró-reitores de extensão da região Sudeste. Esse era o começo do projeto.

Agosto de 2014: a Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) realiza o “Seminário Corredor Cultural”, durante o 44º Encontro do Forproex Sudeste. A partir dali, foi criado um grupo de trabalho específico para efetivar a estrutura do projeto – metodologia, procedimentos e ações. Reuniões do Fórum e reuniões virtuais, trocas de e-mails e outras formas de interação possibilitaram a construção desse projeto: o Corredor Cultural Forproex Sudeste.

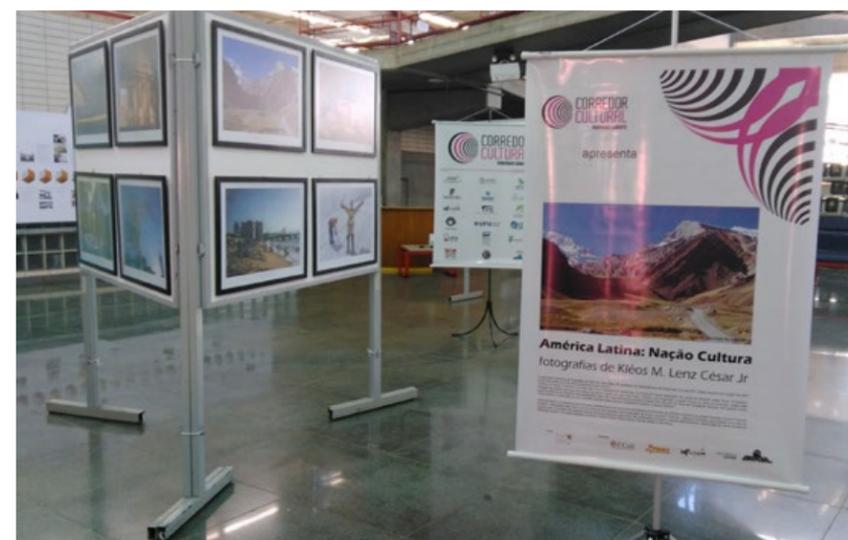
Inicialmente, foi realizada uma etapa piloto, no segundo semestre de 2015, com recursos das próprias instituições de educação superior (IES) que puderam se envolver naquele momento. Essa fase serviu para os ajustes e afinamentos da



FOTOS ARQUIVO CEFET-MG

Mostras e exposições, cursos e oficinas, música e artes da cena são as modalidades empreendidas pelo Corredor Cultural Forproex Sudeste, que é composto por 17 instituições de ensino superior

dinâmica a ser utilizada. E, a partir do segundo semestre de 2016, o Ministério da Cultura passou a investir recursos no trabalho. “Ao apresentarmos a proposta do projeto para o Ministério da Cultura, no ano de 2015, houve um grande interesse em não só apoiar e financiar a edição para a região Sudeste, mas também em ampliar o projeto para as demais regiões do Brasil, com o intuito de transformar esta ação em, talvez, um Programa de longo alcance, com o envolvimento das IES, do Governo, das comunidades, uma vez que este projeto permite a inclusão de todos os segmentos das Instituições de Ensino Superior, seja no âmbito federal, estadual ou municipal”, lembrou a



coordenadora-geral do Corredor Cultural do Forproex Sudeste, Margareth Junqueira.

## Conexões da cultura com a comunidade

A agenda de atividades do Corredor Cultural está sempre bem movi-

mentada, com atrações acontecendo o tempo todo e com constantes propostas dos grupos. Para propor uma ação, os grupos interessados fazem um cadastramento em um sistema específico do projeto e, em seguida, as Instituições participantes do Corredor registram, nesse mesmo sistema, o interesse em recebê-los

## “Este é um projeto de grande envergadura, pois a ideia é atingir o maior número de pessoas possível”

A expectativa é que o Corredor Cultural se estabeleça e se firme como política cultural, tendo em vista a repercussão positiva das primeiras etapas

em suas unidades. A partir daí, a direção de produção entra em contato com os envolvidos e tenta ajustar dados e locais de realização.

De acordo com a diretoria do grupo, as atrações e eventos realizados são abertos ao público em geral e a participação expressiva da comunidade externa comprova a força integrativa desse tipo de política. “Este é um projeto de grande envergadura, pois a ideia é atingir o maior número de pessoas possível, seja na proposição das atividades ou na recepção pelo público, atendendo não só as Instituições de Ensino Superior (IES) como também as comunidades no seu entorno. Além disso, as IES podem levar essas atividades para seus *campi* que ficam mais distantes de onde os movimentos artísticos culturais acontecem com menor frequência, atingindo assim as comunidades menos favorecidas”, completa Margareth Junqueira.

A equipe dirigente dessa primeira etapa do projeto foi formada por profissionais das seguintes IES: Coordenação Geral, Direção Artística e Direção de Comunicação – Sistema de Informações e Divulgação (Unicamp); Direção de Produção Executiva (Unifal); Direção Financeira (UFSJ); Coordenações de eixos (Cefet/RJ, UFSJ, UFU). Muitos deles participaram, efetivamente, desde o início da formatação do trabalho.

A expectativa é que o projeto se estabeleça e se firme como política cultural, tendo em vista a repercussão positiva das primeiras etapas. “Está cada vez mais claro que o Fórum de Pró-Reitores de Extensão da Região Sudeste pode levar adiante não só a produção e execução dessas atividades, mas também atender a um grande viés do projeto, que nos permite debater sobre a política cultural que vem sendo construída em cada Instituição de Ensino Superior”, concluiu Margareth. ■



### Instituições integrantes do Corredor Cultural do Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Instituições Públicas de Ensino Superior (Forproex) Sudeste

- Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca (Cefet/RJ)
- Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Fluminense (IFF)
- Universidade Estadual de Campinas (Unicamp)
- Universidade Estadual de Minas Gerais (UEMG)
- Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (Unesp)
- Universidade Federal de Alfenas (Unifal)
- Universidade Federal de Itajubá (Unifei)
- Universidade Federal de Lavras (Ufla)
- Universidade Federal de São Carlos (UFSCar)
- Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ)
- Universidade Federal de Uberlândia (UFU)
- Universidade Federal de Viçosa (UFV)
- Universidade Federal do ABC (UFABC)
- Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes)
- Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM)
- Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM)
- Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ)

# Mais cultura no CEFET-MG: Política de Arte e Cultura busca fortalecer atividades

De espetáculos teatrais à tradição folclórica: diversidade marca projetos de extensão desenvolvidos pelo CEFET-MG

Flávia Dias  
JORNALISTA

O ditado popular “Quem canta seus males espanta” consegue sintetizar alguns dos valiosos benefícios da música na vida das pessoas. Essa máxima pode ser substituída por quem dança, pinta, faz teatro, enfim, arte em geral tem a capacidade de se aproximar das pessoas e despertar os melhores sentimentos e sensações. Buscando apresentar e envolver os alunos e a comunidade externa em manifestações e expressões artísticas, professores e técnicos administrativos desenvolvem, em todos *campi* do CEFET-MG, várias atividades culturais, por meio de projetos e programas extensionistas, que abrangem música, teatro, dança, folclore, entre outras artes.

Com o intuito de definir diretrizes para as atividades culturais desenvolvidas na Instituição, a Coordenação Geral de Atividades Culturais, vinculada à Diretoria de Extensão e Desenvolvimento Comunitá-

rio (DEDC), está elaborando, em conjunto com representantes de todos os *campi*, a Política de Arte e Cultura do CEFET-MG, composta por planos de ação que têm como base a produção cultural brasileira no âmbito da Instituição. “A institucionalização é importante, pois dará consistência e consolidação de arte e cultura como parte da formação dos alunos”, ressalta o coordenador-geral das Atividades Culturais, Ailton Vitor Guimarães.

Em fase de compartilhamento de informações e estruturação da política com a abertura de sugestões, a ideia é promover o reconhecimento e a avaliação das atividades na área, desenvolvidas em eixos como música; cultura popular, artesanato e artes de ofício; teatro, dança e cultura corporal; artes visuais; literatura; e arte digital. Alguns dos objetivos da Política são garantir possibilidades de acesso ao exercício dos direitos culturais dos alunos, servidores e comunidade externa no CEFET-MG, além de estimular a produção artístico-cultural e o protagonismo social,



com ênfase nos aspectos formativos, levando em conta a educação para o gosto e o prazer proporcionados pelas atividades de arte e cultura.

A Política deverá privilegiar a inclusão e a participação de grupos, comunidades e populações em situação de vulnerabilidade social e com reduzido acesso aos meios de produção, registro e difusão cultural.

A proposta é contemplar alguns instrumentos para fortalecimento das produções artísticas, como, por exemplo, uma agenda cultural permanente que abranja a produção artístico-cultural do CEFET-MG e da comunidade externa; grupos de arte e cultura permanentes e sazonais devidamente formalizados, institucionalmente, e promotores e produtores de atividades. Quanto ao Festival de Arte e Cultura, a intenção é realizá-lo a cada dois anos, como síntese da produção artístico-cultural relacionada ao CEFET-MG, integrando a Instituição por meio de

um evento descentralizado nas várias regiões onde atua e que envolva as comunidades interna e externa. Outra sugestão é a constituição da Casa de Cultura CEFET-MG, como centro promotor de arte e cultura e gerador de alternativas para programas, projetos e ações relacionados, espaço de convivência e de realização de eventos e apresentações das produções da instituição e de colaboradores, convidados e parceiros.

Em relação aos grupos de arte e cultura, o objetivo é propiciar as condições institucionais necessárias para formalização e funcionamento; incentivar a integração a programas e projetos de extensão; apoiar apresentações, iniciativas e outras atividades propostas. Segundo Ailton Vitor Guimarães, o CEFET-MG tem potencial para promover eventos e atividades em todos os *campi* de forma integrada e, ao mesmo tempo, descentralizada. “A Instituição deve fazer o seu papel, que é integrar,

Música, teatro, dança, folclore, entre outras expressões, estão entre as atividades culturais desenvolvidas em todos os *campi*



O Grupo “Kwrep: Literatura, Dança e Teatro”, do *campus* Curvelo, conta com 20 alunos do CEFET-MG

trazer a comunidade para dentro, e a Política vai ajudar na difusão das atividades artístico-cultural, de modo que elas saiam dos muros do CEFET-MG”, destaca o coordenador-geral.

### **Kwrep, política cultural na prática**

Um dos grupos que recebe apoio da Diretoria de Extensão e Desenvolvimento Comunitário e com a formalização da Política poderá crescer e se consolidar ainda mais é o projeto “Kwrep: Literatura, Dança e Teatro”, com atuação no *campus* Curvelo, Minas Gerais, que envolve diferentes linguagens artísticas. Kwrep é um termo indo-europeu que significa “corpo, forma, aparência”. Pensando no movimento corporal, o projeto propõe desenvolver atividades artísticas, por meio da linguagem da dança e teatro e sua interação com a literatura, buscando a aproximação com outros gru-

pos em contexto educacional.

Ao todo, 20 estudantes do CEFET-MG participam das atividades, sendo que a ideia é contemplar também alunos de outras escolas públicas de Curvelo. “O Projeto resgata e valoriza a cultura, incentivando alunos e alunas a participarem de propostas de vivências culturais: dançando, interpretando, organizando as apresentações ou assistindo”, destaca o coordenador do projeto, professor de Educação Física e coordenador de Extensão e Desenvolvimento Comunitário do *campus* Curvelo, Adriano Gonçalves.

O estudante Samuel Giovannini Cruz, integrante do Kwrep desde 2016, considera as atividades como um momento de relaxamento diante dos afazeres rotineiros das disciplinas do curso técnico em Meio Ambiente. “Podemos relaxar, descansar a mente e trabalhar com afinco para que nossas metas sejam alcançadas. Um dos maiores frutos disso é o contato com

## “Além de envolver diferentes linguagens artísticas, o projeto tem característica interdisciplinar”

a comunidade curvelana, não apenas nas regiões centrais, mas também nas periféricas. Partindo disso, aprendemos a levar a dança, o teatro e a literatura, abraçando também a diversidade cultural do município”.

Além de envolver diferentes linguagens artísticas, o projeto tem característica interdisciplinar, já que contempla a Educação Física, por meio dos estudos sobre o movimento corporal e suas implicações biológicas e sociais; as Artes, com as linguagens artísticas; e a Língua Portuguesa, tendo em vista a relação entre temas literários, dança e teatro. Nas apresentações, os integrantes se envolvem com o vestuário, cenário, música, maquiagem, roteiro, coreografias. “Um grande exemplo de nossas felicidades foi a peça ‘Alice no País das Maravilhas’, que apresentamos no Teatro Municipal de Curvelo em 2016. Maravilhosa para todos os envolvidos”, afirma Samuel.

O projeto é constituído por três etapas. A primeira, já finalizada, é a realização de oficinas formativas

com o grupo sobre corpo, movimento e diversidade. A segunda fase, que está em atividade, diz respeito ao estudo da relação da dança e teatro com a literatura, para que com os ensinamentos seja possível a produção de uma peça teatral envolvendo a relação entre essas linguagens artísticas. A última etapa se constitui na interação do Grupo Kwrep com outros grupos escolares.

Para participar do projeto, os alunos do CEFET-MG passam por uma seleção na qual o interesse pela dança, pelo teatro e pela literatura é considerado e a disponibilidade de envolvimento no projeto. “A habilidade e conhecimento técnico dessas linguagens não é fator primordial para a seleção. O grupo é formado por alunas e alunos que gostam de dançar e/ou atuar”, explica o coordenador do projeto. As expectativas, segundo o Adriano, é “envolver cada vez mais estudantes nas atividades do Kwrep, interagindo com outras escolas e promover eventos e oportunidades culturais que possam ampliar

os conteúdos culturais de lazer dos estudantes”.

Iniciativa que vem agradando os integrantes. “É uma explosão de ideias, opiniões, rostos e trabalhos maravilhosos, que não aconteceriam sem a participação das pessoas incríveis que a gente conhece, cada uma contribuindo a seu modo. Se a pessoa é mais tímida não importa, depois de um tempo ela acaba pedindo para subir ao palco. O Kwrep é assim, te aplaude de pé no momento que você pisa dentro dele”, resume Samuel sobre sua experiência no projeto.

### **Quando começou**

O Grupo Kwrep existe desde 2011, quando alunos se organizaram para montar uma apresentação de dança no Festival de Arte e Cultura do CEFET-MG, mas foi em 2013 que o projeto foi registrado na Diretoria de Extensão e Desenvolvimento Comunitário. Em 2016, foi novamente contemplado no edital da Diretoria. ■

“O Kwrep é assim, te aplaude de pé no momento que você pisa dentro dele”

# Painel

# Pesquisadores analisam a extensão como elemento propulsor da cultura

Nívia Rodrigues  
JORNALISTA

Pensar o papel da academia na sociedade é pensar, invariavelmente, sobre formas de disseminar as atividades de pesquisa desenvolvidas. A Extensão, que integra o tripé indissociável da educação no Brasil, apresenta-se como elemento importante nessa conexão, que tem tido a cultura como um de seus elos mais fortes.

Nas inúmeras iniciativas extensionistas presentes no meio universitário brasileiro, parte considerável vem se dedicando ao tema. Para se ter uma ideia, a linha Cultura e arte é a terceira com maior número de projetos aprovados e contemplados com bolsa no edital do Programa de Extensão Universitária (ProExt) do Governo Federal em 2016, atrás apenas de Educação e Saúde; e empatado com Ciência e Tecnologia. O ProExt apoia as instituições públicas de ensino superior no desenvolvimento de atividades de extensão que contribuam para a implementação de políticas públicas.

Neste contexto, a **Revista Extensão & Comunidade** abriu espaço para diferentes pesquisadores da área discutirem os paradigmas da difusão dos saberes acadêmicos por meio de ações de arte e cultura, bem como, para refletir sobre a extensão

como ferramenta para torná-los, universidade e cultura, mais acessíveis ao público.

**Bráulio Silva Chaves** é professor de Sociologia do Departamento de Ciências Sociais e Filosofia do CEFET-MG, doutor em História pela UFMG na linha de pesquisa Ciência e Cultura na História. Integra vários projetos de extensão e divulgação científica como o “CEFET-MG, do Cabana do Pai Tomás ao Aglomerado da Serra: conexões entre ciência, tecnologia e educação”. **Cláudia Gomes França** é doutora em Educação pela UFMG e está lotada na Coordenação de Artes do CEFET-MG. Atua, entre outras áreas, como pesquisadora sobre comunicação pública da ciência com ênfase em contextos complexos, cultura *maker*, laboratórios transdisciplinares e articulações entre arte, ciência e tecnologia, além de coordenar, juntamente com Bráulio, o projeto que conecta o CEFET-MG, às comunidades do Cabana do Pai Tomás e do Aglomerado da Serra. **Luciana de Oliveira** é professora e pesquisadora no Programa de Pós-Graduação e nos cursos de graduação em Comunicação Social da UFMG, sendo líder do grupo de pesquisa Corisco – Coletivo de estudos, pesquisas etnográficas e ação comunicacional em contextos de risco. É doutora em Ciências Humanas - Sociologia e Política pela mesma universidade.

*RE&C – O caráter analítico e sistematizado da ciência, numa avaliação inicial, entraria em confronto com o caráter lúdico e de liberdade das artes. Em que medida, ciência e cultura se integram nas atividades extensionistas?*

**Bráulio Silva Chaves:** A visão que se tem hoje de ciência é profundamente dinâmica. Os fatos, os paradigmas, os cientistas e os coletivos de especialistas passaram a ser entendidos como produções sociais, o que implica vê-los dentro de redes sociais complexas e interdependentes. Não é uma operação simples, pois implica retirar todos aqueles envolvidos na produção de conhecimento de suas instituições, como se estivessem encastelados ou como “sábios que pairam” na sociedade. Tais mudanças destituíram a ciência de uma aura intocável e, inclusive, fizeram com que ela fosse entendida e aproximada com outros campos, como o da arte. É um equívoco analítico confrontar a ciência com a arte, por exemplo. O que não quer dizer que não exista diferença

entre uma produção artística e outra científica. Há muitas diferenças e elas estão na esfera da linguagem, dos discursos, da forma de se relacionar com a natureza e decodificá-la. Hoje, porém, com as novas perspectivas, é possível perceber que diversas estratégias presentes na arte também são utilizadas pela ciência. Por exemplo, não existe modelo científico que se consolide sem persuasão, dentro do campo científico e fora dele. E a persuasão científica se utiliza de diversos recursos, como imagens, estratégias discursivas etc.

Todo esse complexo processo impulsiona as atividades que ressaltam o trânsito da ciência fora das instituições oficiais. De certa forma, as atividades extensionistas ganham força pois, a partir delas, é possível

“A visão que se tem hoje de ciência é profundamente dinâmica; os fatos, os paradigmas, os cientistas passaram a ser entendidos como produções sociais”

Prof. Bráulio Chaves





JULIO SARDINHA - CEFET-MG

Cláudia França (centro) desenvolve atividades diversificadas articulando arte, ciência e tecnologia

visibilizar essas dinâmicas sociais da produção científica. Infelizmente, as atividades de extensão ainda estão muito aquém dessa possibilidade. É a parte alijada da tríade ensino, pesquisa e extensão. Porém, é importante recuperar o movimento de desmistificação da ciência, o que pode possibilitar às instituições compreender que não é possível produzir conhecimento de forma hierárquica e encapsulada em seus laboratórios, centros e núcleos de pesquisa. As aproximações com a arte podem ajudar muito nessa tarefa.

**Cláudia França:** A ciência possui suas metodologias, assim como a Arte possui seus processos criativos. Ambos podem ser sistematizados, analíticos, lúdicos e libertários. Os caminhos percorridos tanto por cien-

tistas, como por artistas são construções que dialogam com contextos sociais, históricos, culturais e econômicos, entre outros. Romper com estereótipos e preconceitos se torna imprescindível. Criatividade não é exclusividade da Arte, por exemplo. Criatividade integra o fazer humano, na forma como o homem lida com o meio em que vive, com as relações que estabelece, com a elaboração de objetos e artefatos e por aí afora.

Claro que ciência tem suas peculiaridades, procedimentos, normas. Mas uma das contribuições mais relevantes da Arte é a diversidade de linguagens que proporcionam manifestações inusitadas e permitem o diálogo com diversas áreas do conhecimento. Cultura compreende abertura para a diversidade e pode ser o elemento do diálogo com a ciência. Por meio dela,

pode-se ter contato com movimentos, manifestações e criações sociais que jamais ocupariam lugar de destaque nos espaços acadêmicos. Por se fazer presente em qualquer esfera da sociedade, constitui importante meio para dar visibilidade a questões sociais, políticas, econômicas, em linguagem acessível e, muitas vezes, crítica. Cultura dá voz à sociedade.

**Luciana de Oliveira:** Creio que essa avaliação que separa o fazer da ciência de um fazer artístico/cultural vem sendo questionada tanto de um ponto de vista epistemológico, quanto de um ponto de vista prático/experiencial. Do ponto de vista epistemológico, há toda uma discussão sobre uma certa crise da ciência que podemos localizar a partir dos anos 1960 e que veio se intensificando até os dias atuais. Também se nota que fatores sociopolíticos influenciam em muito o fazer da ciência. Defendo, portanto, uma ideia de ciência engajada não somente com a produção acadêmica, mas com a vida pública, na qual habitamos nós e as pessoas e as coletividades com as quais nos relacionamos. Não é à toa que vínhamos falando tanto sobre reflexividade nas teorias sociais contemporâneas, pois o que investigamos e o modo como investigamos também cria mundos. Na convivência com intelectuais de grupos quilombolas e afrodescendentes e no trabalho etnográfico com os Kaiowa e Guarani,

percebi que sua investigação é multilocal e tem a ver com a busca de mananciais por vezes dispersos e variantes dos conhecimentos tradicionais. Os velhos – mestres e mestras – são as grandes fontes de conhecimento e, muitas vezes, é na busca por sua vasta experiência e diversificadas versões que os mais jovens reconstruem e praticam a cultura. São para mim fontes de inspiração para a aposta no trânsito e no deslocamento geográfico intrínsecos à prática etnográfica, os protocolos de pesquisa, que, para povos indígenas e populações tradicionais, envolvem o recensea-

**RE&C – Na atualidade, como os projetos desenvolvidos no meio universitário, inclusive no CEFET-MG, têm dialogado com essas três áreas: cultura, ciência e extensão?**

**Bráulio:** Na esteira dos estudos que produziram uma visão mais crítica sobre o fazer científico, questões como a divulgação e a popularização da ciência se tornaram fundamentais, e atualmente é possível afirmar que não denominam mais ações localizadas de “propaganda”. Muito pelo contrário, hoje são campos de estudos, com diversas produções dedicadas à compreensão da divulgação e da popularização pelo crivo da história e da sociologia, juntamente com pesquisas sobre o chamado jornalismo científico. Tais processos motivaram projetos robustos de divulgação e popularização da ciência, o que foi estimulado também por editais das agências de fomento específicos para a área.

No caso do CEFET-MG, as mediações entre ciência, arte e cultura ainda estão em busca de valorização e consolidação. Apesar de toda a transformação apontada, é preciso dizer que há muita imprecisão do que é fazer divulgação de ciência e atividade de extensão. De um lado, tais atividades recebem esse nome, mas o que se vê são diversas iniciativas endógenas de pouco diálogo fora dos muros institucionais. De outro lado, o contato com a sociedade se reduz a uma mera divulga-

mento botânico, zoológico e hidrográfico com suas grandes andanças pelo território, trocas de experiências e experimentos entre agências humanas e não humanas, os encontros rituais, festivos e políticos entre localidades como momentos de trocas de conhecimentos e a promoção de vínculos sociais e afetivos, o mito em sua temporalidade espiralar – como modo de realizar a narrativa histórica – e o canto, sua expressão artístico-ritual-experiencial, como modo de exploração do mundo e dos acontecimentos, bem como de transmissão de conhecimento.

**“Há toda uma discussão sobre uma certa crise da ciência que podemos localizar a partir dos anos 1960”**

*Profa. Luciana de Oliveira*

ção fria e descontextualizada de eventos e produções de pesquisas. Divulgar, atualmente, significa destituir uma condição diretiva e assumir uma via de mão dupla. Mas tudo isso requer estruturas sólidas de divulgação científica, com pessoal apropriado e um debate constante sobre como as instituições públicas assumem esse papel (ou não). O CEFET-MG não foge dessa realidade, mas há iniciativas a se ressaltar. O projeto de Café Científico “Ciência, Café e Cultura”, coordenado pela professora Cláudia França, é um exemplo. A Coordenação-Geral de Divulgação Científica, vinculada à DPPG, também tem tentado.

Desde 2015, o Departamento de Ciências Sociais e Filosofia assumiu essa tarefa de mediar ciência e cultura, com diversos

**“A ciência possui suas metodologias, assim como a Arte possui seus processos criativos. Ambos podem ser sistematizados, analíticos, lúdicos e libertários”**

*Profa. Cláudia França*

projetos de extensão na comunidade Cabana do Pai Tomás, próxima ao campus II. No ano de 2016, o projeto “CEFET-MG, do Cabana do Pai Tomás ao Aglomerado da Serra: conexões entre ciência, tecnologia e educação”, em parceria com a Coordenação de Artes, foi aprovado para ser financiado pela FAPEMIG. Com isso, tem sido possível criar uma estrutura sistemática de extensão e divulgação da ciência. Além disso, a proposta nos possibilitou interagir com os moradores do Aglomerado da Serra, por meio do Centro Cultural “Lá da Favelinha”. O projeto também obteve outras fontes de fomento desde então: em 2016, foi aprovado pela DEDC o projeto “CEFET-MG e Cabana do Pai Tomás: conexões entre Saúde, Meio Ambiente e Tecnologia”; no CNPq, foi aprovada a exposição “AlimentTEC: educação, tecnologia e práticas alimentares”, exibida durante a Semana de Ciência e Tecnologia de 2016 do CEFET-MG; em 2017, também foi aprovado um projeto na chamada de Bolsas de Complementação Educacional, o “Ações de Educação e Saúde entre o CEFET-MG e duas comunidades”.

**Cláudia:** É necessário compreender o que se entende por extensão universitária e, principalmente, se ela é de fato compreendida como deveria. A própria forma de os espaços universitários abordarem e tratarem a atividade extensionista precisa ser repensada, já que é considerada atividade menor em relação ao ensino e à pesquisa. Outro ponto reside no redirecionamento do olhar no processo de construção do conhecimento, de forma a ampliar os horizontes de atuação para além dos muros e dos interesses de cada um e de suas respectivas instituições. Acolher a sociedade sem preconceitos, reconhecer que saberes são produzidos em todo lugar. Se não for dessa forma, extensão não faz sentido. É fácil falar, difícil fazer.

Compreender a atividade extensionista implica refletir acerca da produção científica e de seus processos de divulgação nos âmbitos institucionais e sociais. A crítica vem no sentido de propor outras configurações para tais atividades e, respectivamente, para seus procedimentos e atores, de forma a se pensar como ciência pode fazer parte dos processos formativos de forma significativa e, consequentemente, das demais instâncias da sociedade.

O CEFET-MG, na formação geral especificamente, possui uma coordenação destinada ao ensino de Arte com um espaço físico privilegiado, que, arrisco dizer, não deve ter similar em outros espaços educacionais de Belo Horizonte. Movimentos culturais sempre tiveram incentivos dentro da Instituição e há, entre servidores e alunos, pessoas que se interessam por Arte e suas linguagens, que cantam, dançam, interpretam. Tais “artistas ocultos” poderiam ter mais espaço dentro da Instituição, por meio de ações extensivas e menos pontuais, como o Festival de Arte e Cultura. O momento exige mudanças para que as artes se fortaleçam e ocupem o lugar que deveriam. Isso requer novas abordagens, atitudes e postura política.

**Luciana:** Em meu trabalho, por exemplo, uma pesquisa de caráter etnográfico com os Guarani e Kaiowa do Mato Grosso do Sul, posso afirmar que o trabalho de produção audiovisual garantiu aproximações com a rica filosofia em suas espessas explicações mitopoéticas que a simples realização de entrevistas e observação participante não logravam fazer acontecer. No trabalho de um fazer em conjunto – algo que faz muito mais sentido para aquelas pessoas porque não há saber abstrato, saber sem fazer – muito me foi revelado.

Tanto nas escolhas das filmagens, quanto nos processos de edição e construção narrativa (e muitíssimo

nos processos de tradução do guarani ao português). Tudo isso é trabalho fundamentalmente analítico e sistematizado que em nada se opõe aos rigores da Ciência. Essas formas inventivas de pesquisa podem encontrar também outras formas de expressão que não os artigos, teses, dissertações e livros. Em breve, farei minha primeira exposição fotográfica chamada Che Amba Pe Orereko [“Vida no território”] na qual, por outra via, conto e mostro um pouco de meu trabalho de campo nos territórios originários retomados (tekoha ou che amba) dos povos Guarani e Kaiowa no Mato Grosso do Sul, buscando um diálogo mais amplo com a sociedade que extrapole o circuito acadêmico.

**RE&C – Quais fundamentos e práticas devem ser levados em consideração para que a extensão universitária possa ser vista, de fato, como uma atividade cidadã?**

**Bráulio:** A principal condição é que a atividade de extensão considere pressupostos fundamentais, como o diálogo constante. Não são as intuições que devem estabelecer o quê ou como fazer, mas as demandas devem emanar das comunidades. Tal atitude implica uma consideração ativa, de consciência do papel dos saberes acadêmicos, mas de profundo respeito aos saberes populares. A valorização de outras formas de produção da ciência, técnica e tecnologia, fora dos muros da tradição acadêmica, é um passo decisivo para uma construção cidadã e democrática recíproca. Primeiro, porque é possível dar outros significados para o que se produz dentro do CEFET-MG, de forma a conectar com os anseios da sociedade e não reduzir a produção científica-tecnológica às demandas do mercado e do lucro. Em segundo lugar, pois,

romper com a rigidez das hierarquias possibilita que os sujeitos das comunidades se sintam parte da produção e consolidação do conhecimento que circula socialmente, o que definitivamente abre espaço para que universidades e centros tecnológicos se tornem (re)conhecidos como espaços públicos e sejam apropriados por pessoas que, muitas vezes, veem a entrada nessas intuições obstaculizada por um muro intransponível.

**Cláudia:** O planejamento das ações precisa ter como foco o processo. Se isso for considerado, já é um ponto de partida considerável. Quando se fala em focar o processo, significa flexibilizar, adaptar, reconsiderar, estar atento a fatores que emergem e ciente do que fazer para que tais aspectos sejam incorporados ou não.

“(…) formas inventivas de pesquisa podem encontrar também outras formas de expressão que não os artigos, teses, dissertações e livros”

Profa. Luciana de Oliveira

ARQUIVO PESSOAL



Luciana de Oliveira (à direita) realiza pesquisas etnográficas e ação comunicacional em contextos de risco

Para isso, é preciso ter conhecimento do outro para quem se destinam as ações, entender suas demandas, limitações e expectativas; criar canais de comunicação acessíveis e estabelecer diálogos abertos pautados pela transparência; não subestimar saberes, experiências e práticas constituídas em outros espaços; encarar os resultados como fruto de um processo dialógico, construídos por meio de fluxos e movimentos multidirecionais.

**Luciana:** Em minha prática de extensão universitária, tenho trabalhado guiada por cinco princípios básicos tanto para uma política de pensamento, quanto para consequências políticas não excludentes e distributivas do privilégio de estar na universidade: a escuta, o fazer

compartilhado, os saberes compartilhados com base em diálogos interepistêmicos, as consequências pragmáticas de meu fazer (efeitos de pensamento e efeitos políticos) e a ampliação da matriz de saberes na universidade. Considero a escuta o ponto de partida de todo experimento de pensamento e de práticas de ciências sociais e humanas que queiram implodir a dicotomia sujeito/objeto. Consubstancia um chamado à ação conjunta, uma redistribuição de privilégios e a criação continuada de formas de conhecimento e parcerias políticas. Outro ponto importante minha é a prática científica a partir de um fazer compartilhado, uma forma de conversação que envolve a partilha de um fazer. Consequência e premissa desse fazer compartilhado é pensar que

#### **RE&C – Qual a importância de se discutir o conhecimento científico fora dos muros das universidades?**

**Bráulio:** Discutir o conhecimento científico fora dos muros institucionais significa torná-lo democrático, público e acessível. É dar à sociedade o seu lugar, como quem sustenta com recursos, mas também consolidada e legítima o que se produz.

**Cláudia:** A importância é a de compreender que ciência pode ser discutida em qualquer lugar, por qualquer pessoa. Que conhecimento não é exclusivo de ninguém, nem de nenhum lugar. Conhecimento é de todos, para todos. Tal compreensão atinge tanto a comunidade científica, quanto a sociedade civil. Esse processo exige aproximação da esfera da ciência com a esfera social, o que implica em uma série de variáveis. Uma delas é a linguagem. Esse encontro

estamos diante de saberes. São formas de saber radicalmente diferentes as quais não se pode igualar, mas que podem coabitar nossas formas de produção acadêmica de forma simétrica. Isso não é nada simples de realizar. Mas é, a meu ver, a maneira como podemos criar encontros de saberes, formas de diálogos interepistêmicos com consequências para todos os saberes e pessoas envolvidas na experiência. Hospitalidade é chave nessa forma de fazer extensão, ensino e pesquisa. Ela garante um outro ponto importante: o alargamento epistêmico da universidade, a sua capacidade de acolher outros saberes e de coabitar com eles. Tudo isso me parece que traz à tona a dimensão política da descolonização da ciência, do corpo do cientista e da universidade.

delineia deslocamentos de ambas as partes e implica desconstrução de práticas e quebra de rigidez de determinados posicionamentos.

Colocar a sociedade na discussão das questões científicas é fator determinante para melhor compreensão do mundo e na busca de soluções de problemas de ordem mundial, como meio ambiente, saúde, alimentação, recursos naturais. É pensar em cidadãos com capacidade de discernir, de se posicionar de maneira crítica e de tomar decisões para sua vida, sua comunidade, a partir do seu bairro, da sua cidade, da região onde vivem.

**Luciana:** A ciência, por vezes, opera por um modelo produtivista que tem muito mais a ver com necessidades dos cientistas e das instituições

universitárias, governamentais e privadas do que da geração de bem comum. Esse modelo é autocentrado, individualista e regido por uma lógica de ganhos para as carreiras científicas, os rankings universitários e os critérios de produtividade e distribuição de recursos. A questão é que acontecem muitas coisas interessantes fora da universidade. Muito saber é produzido. Creio que um

modelo arrogante e eurocentrado de universidade colocou essa instituição acima de outras formas de saber e, muitas vezes, matando outras formas de saber. O que está fora da universidade só faz sentido, nessa senda, como objeto da ciência. Mas os objetos são também sujeitos de pesquisa, ou seja, produzem conhecimento, inclusive sobre o cientista e sua forma de atuar. Então creio que um olhar e

uma prática científica em sintonia e plena participação nos processos sociais pode garantir tanto um modelo de ciência cujas relevâncias se dêem de baixo para cima – das bases sociais para as elites intelectuais –, provocando efeitos de redistribuição do poder intelectual, quanto uma ciência mais engajada com os problemas e a vida das pessoas que seja capaz de fato de gerar bem comum.

#### **RE&C – Há uma preocupação no sentido de evitar que práticas regionais ou de grupos menos favorecidos historicamente sejam subjugados? Quais medidas podem ser tomadas para garantir a preservação de atividades artísticas e culturais tradicionais desses grupos?**

**Bráulio:** Por um lado, em 2015, tivemos uma experiência nesse sentido com as Guardas de Congado da região do Cabana. Uma delas foi a Guarda de Congo de São Benedito e Nossa Senhora do Rosário da Cabana, que tem a Dona Odete, moradora

da região, como capitã. A guarda, inclusive, se apresentou no CEFET-MG. Pudemos ver como o Congado é hoje uma manifestação cultural de resistência. Por outro lado, é importante também destacar como ao longo da história as instituições negligencia-

Bráulio Chaves integra o projeto de manutenção de horta comunitária e o curso de agroecologia na comunidade da Cabana do Pai Tomás

JÚLIO SARDINHA - CEFET-MG



## “Discutir o conhecimento científico fora dos muros institucionais significa torná-lo democrático, público e acessível”

Prof. Bráulio Chaves

ram os saberes populares. Andar pelo Cabana é ver formas de sociabilidade, de organização dos espaços, de diálogo com a natureza (com hortas urbanas, raizeiros e suas plantas medicinais), artesãos, artistas etc. Todos, à sua maneira, produzem ciência, técnica e tecnologia. Não há outra forma de preservar tais saberes que não seja torná-los visíveis, e o CEFET-MG e outras instituições de ensino e pesquisa devem tentar fazer disso uma tarefa fundamental de todos(as).

**Cláudia:** Compreender a dinâmica dos processos culturais é o primeiro passo. Entender que esta ou aquela prática constitui manifestações construídas por relações históricas, sociais, políticas e que também são válidas. E que essas são as formas que as pessoas criaram para se comunicar, se posicionar, se manifestar, falar com a sociedade, dar visibilidade a suas crenças e costumes.

Quando se propõe trabalhar com comunidades, por exemplo, é preciso entender que a música é tal, que a gíria é tal, que os hábitos são tais.

Como podemos nos relacionar com essas pessoas de forma respeitosa? Essa é a questão. Não dá para chegar, se impor e estabelecer regras. Não há relacionamento que tenha futuro dessa forma. Se a proposta é a de estabelecer relações de longo prazo, respeito e reconhecimento do diferente são fundamentais. Tentar construir interlocução com essas práticas pode ser o segundo passo. Sair da sua zona de conforto e criar conexões de forma criativa. Dessa maneira, nos deparamos com o óbvio: temos mais a aprender do que a ensinar. Um terceiro passo seria o de buscar o diálogo entre essas diversas práticas sem o estabelecimento de hierarquias. Tais manifestações podem coexistir no mesmo espaço sem conflitos, sem que sejam subjugadas, mas valorizadas pelo que são e o que representam.

**Luciana:** Em vez de propor algo protocolar, prefiro falar de experiências que considero boas para pensar e realizar. O Programa de Formação Transversal em Saberes Tradicionais

**“Quando se propõe trabalhar com comunidades, por exemplo, é preciso entender que a música é tal, que a gíria é tal, que os hábitos são tais. Como podemos nos relacionar com essas pessoas de forma respeitosa? Essa é a questão”**

*Profa. Cláudia França*

**“O mundo acadêmico ainda se arroga um lugar especial, uma superioridade em relação a outros saberes, querendo sempre agir sobre eles e não com eles”**

*Profa. Luciana de Oliveira*

da Prograd/UFMG, que se fez em diálogo com a iniciativa de Encontro de Saberes, capitaneada pelo antropólogo José Jorge de Carvalho, do Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia de Inclusão de Saberes no Ensino Superior e na Pesquisa da Universidade de Brasília, é um exemplo disso. Tal programa consiste no convite permanente de uma rede de mestres e mestras dos saberes tradicionais indígenas, quilombolas, afrodescendentes e populares para integrar o quadro de professores e professoras na Universidade, com disciplinas regulares em diversas áreas de conhecimentos. Os mestres e mestras convidadas são remunerados com professorxs convidadas e recebidos por professorxs parceirxs que fazem o trabalho de ciceroneia-lxs e de mediar/promover diálogos intepistêmicos em sala de aula. Ações como esta podem garantir que as universidades não funcio-

nem como dispositivos de branqueamento e de valorização apenas do modelo de conhecimento eurocêntrico. Outra iniciativa concreta nesse sentido é o grupo de pesquisas que coordeno, que não separa ações de pesquisa de ações de extensão e ação política juntamente com as pessoas envolvidas nos processos de produção de conhecimentos. No Coletivo de Estudos, Pesquisas Etnográficas e Ação Comunicacional em Contextos de Risco (Corisco), trabalhamos em geral com grupos marginalizados, silenciados, apagados e que passam por processos de genocídio e epistemicídio. Não obstante a vulnerabilidade, com esses grupos aprendemos ricos processos de invenção cultural e de resistência política, que sempre nos recolocam a questão sobre o lugar onde está de fato a vulnerabilidade, além de nos fazerem revisitar nossos conceitos e teorias em ques-

tões candentes para as ciências sociais contemporâneas.

Assim, tanto eu, no meu trabalho com o xamã Valdomiro Flores e seus assistentes-aprendizes nos território originário retomado do Guaiviry (Mato Grosso do Sul), quanto meus alunos e minhas alunas, no trabalho de diálogo com intelectuais trans, lideranças das ocupações, lideranças e crianças do reinado, ativistas feministas, mulheres idosas, mestres populares, imigrantes haitianas temos nos colocado no lugar de aprendizes de seus saberes e nas fronteiras entre o que aprendemos lá e cá, na tradição ocidental. Essa opção não é nada fácil! O mundo acadêmico ainda se arroga um lugar especial, uma superioridade em relação a outros saberes, querendo sempre agir sobre eles e não com eles. Mas a passos humildes, porém intensos, vamos avançando. ■

# Artigos



# Galinha-capoeira e arte-cabaça no interior da Paraíba: a extensão a serviço da economia solidária no IFPB

Wiliane Viriato Rolim<sup>1</sup>

O Instituto Federal da Paraíba comemorou 107 anos no mês de setembro de 2016 apesar de ser uma “instituição criada nos termos da Lei nº 11.892, de 20/12/08” \*. Em verdade, trata-se de uma longa história desde os primórdios de século XX com a Escola de Aprendizes e Artífices, passando pela gloriosa Escola Técnica, posteriormente CEFET-PB, até os dias de hoje quando integra a Rede Federal de Educação Tecnológica. Nesse processo histórico, a escola situada no bairro Jaguaribe, em João Pessoa, transformou-se em um dos *campi* do IFPB que, em seu projeto de expansão no sentido de adotar a estrutura *multicampi*, abraçou instituições tradicionais em outras cidades da Paraíba (tais como a Escola Agrotécnica de Souza) assim como, mais recentemente, passou a construir novos *campi*.

Em Guarabira, iniciou suas atividades como Núcleo Avançado e em março de 2012 começaram as aulas de seu primeiro Curso Técnico em Contabilidade integrado ao Ensino Médio, já tendo iniciado pouco antes o subsequente em Informática e o EAD em Segurança do Trabalho. Logo chegaram as primeiras turmas do ETIM em Informática e o CST em Gestão Comercial. Atualmente conta também com o ETIM em Edificações.

A cidade de Guarabira, distante cento e sete quilômetros da capital João Pessoa, no sentido oeste do estado da Paraíba, é conhecida como Rainha do Brejo Paraibano por se tratar de um polo comercial, educacional e dos mais diversos serviços (médicos, por exemplo) na região do Brejo. Polariza mais de trinta cidades que orbitam em torno do seu comércio, da sua indústria e da prestação de serviços aparecendo entre os 10 maiores PIB do estado. É tradicionalmente conhecida pela produção avícola, possuindo um empreendimento de produção de carne de frango que abastece tanto o mercado nacional quanto internacional mantendo vínculo comercial – exportando – para os Emirados Árabes. Reza a lenda que os compradores árabes vieram conhecer as instalações para se certificarem de que os frangos são abatidos de volta para Meca. Para além do produto congelado, a cidade é conhecida pela produção da galinha-capoeira, ou frango caipira, como é conhecido em outras regiões do país. Criado solto no terreiro, sem alimentar-se de produtos químicos, considera-se que sua carne seja mais saudável, conquistando um mercado privilegiado de consumidores com preferências por produtos orgânicos.

Neste artigo, nos propomos fazer um relato de experiência, em que contaremos o caso de nosso trabalho extensionista no Sítio Caboclo, uma comunidade rural situada nos arredores de Guarabira. Aqui acontece o encontro entre a galinha-capoeira e o IFPB, mais especificamente o ETIM de Contabilidade e o CST em Gestão Comercial. Iniciamos com uma breve narrativa de como se deu esse encontro amoroso, em continuidade à história que já estamos contando, para em seguida adentrarmos às teorias que se fizeram necessário pesquisar para a realização do trabalho. Em seguida, relataremos as ações extensionistas, propriamente ditas e mostraremos os caminhos trilhados e os que se abrem a partir daí.

<sup>1</sup> Doutora em Linguística (UFMG), professora do Instituto Federal da Paraíba (IFPB), integrante de grupos de pesquisa na UFMG e no CEFET-MG

## 1 Demanda social

Em 2013, o NAG – Núcleo Avançado de Guarabira – passou a ofertar cursos de formação continuada de curta duração dentro do PRONATEC. O IFPB era a instituição ofertante desses cursos que atendiam às demandas das comunidades na figura das prefeituras locais, de seus CRAS – Centros de Referência em Assistência Social - e de suas secretarias de educação em parceria com outros órgãos, um dos quais, a EMATER. Os cursos ofertados eram escolhidos no guia dos cursos técnicos de curta duração em atendimento às demandas recebidas de acordo com as possibilidades de oferta do IFPB, ou seja, considerando as especificidades do corpo docente, dos laboratórios e outros equipamentos disponíveis e da expertise da instituição ofertante. Dentre os cursos ofertados pelo NAG estava o de Agente Cooperativista e Associativista, justamente levando em conta os professores e os conhecimentos próprios dos cursos de Contabilidade e de Gestão Comercial.

A Associação dos Moradores do Sítio Caboclo e Pedra Grande vinha de um longo histórico de organização social, iniciado em 1994 com a luta contra a fome e a precariedade das condições de vida da população local e que, no ano de 2014, encontrava-se em pleno desenvolvimento de um projeto de criação de galinha capoeira pelas famílias da comunidade, capitaneado pela assistência técnica da EMATER, que sugeriu que o referido curso fosse ofertado àquele grupo social. Foi assim que o IFPB chegou ao Sítio Caboclo.

A história daquela comunidade é muito interessante e mostra-se intrigante aos olhos de nossa instituição que, embora agora já com dois anos de envolvimento, pesquisa, ações, muitas estórias ouvidas e contadas, ainda assim sentimos como se nos faltassem dados, nos escapassem entre os dedos, se perdessem nas entrelinhas, nas nuances dos dizeres e dos não ditos das narrativas, elementos que possam nos permitir uma compreensão mais apurada do processo de formação e de desenvolvimento daquele grupo. Foram muitos os projetos, os financiamentos, as ideias e atuações que aconteceram ao longo desses vinte anos que coincidem com um momento histórico peculiar na história do Brasil. Quando tivemos nossos primeiros contatos com a comunidade, após o término daquele curso de cooperativismo, recebendo as demandas dos egressos do curso do PRONATEC, demandas essas que nos forçaram a pesquisar, repensar nossas práticas em sala de aula, envolver nossos alunos para atendê-las, e durante todo nosso percurso junto ao grupo, nos invade um sentimento de estar participando de uma história que já vinha antes de nós, que transcorre à nossa revelia apesar de todo nosso envolvimento e atuação, processo do qual não temos o controle e a cada vez que comparemos apresentam-se novos acontecimentos, mudanças de rumo, elementos inéditos dando a nítida sensação de que podemos perder o bonde da história a qualquer momento. Trata-se de uma relação viva, dinâmica, que nos obriga a nos repensarmos constantemente.

O Sítio Caboclo é constituído por uma comunidade de produtores rurais dentro do que se considera a agricultura familiar, cujas pequenas propriedades estendem-se às margens do rio Araçagi em uma região situada entre a zona urbana de Guarabira e de Araçagi, município vizinho, próximo a um vilarejo denominado Maciel. Seus moradores afirmam que são pessoas que resistiram ao êxodo rural característico do nordeste brasileiro nas décadas de setenta e oitenta. Portanto, no início dos anos noventa, assolados pela seca, viviam em estado de extrema pobreza em moradias precárias, sem os serviços básicos, com dificuldade de acesso à água, sem eletricidade, sem estradas, com caminhos que até para os carros de boi eram difíceis. Em 1994 entra em cena a atuação social da Cáritas, uma instituição de assistência social ligada à igreja católica. A partir daí iniciou-se a organização da comunidade que, através de mutirões e de campanhas de solidariedade, foi buscando as melhorias necessárias: primeiramente, a construção e reforma das moradias, a melhoria das vias de acesso, inclusive com a construção do que é denominado a “passagem molhada”, uma travessia no rio. Em seguida a luta

pela chegada da eletrificação rural, o encanamento de água, serviços de saúde, educação e melhoria de renda, com a aquisição de tratores e com a construção de barreiros (pequenos açudes) nas comunidades. Em 1996, foi formalizada a associação dos moradores que envolve também os vizinhos do Sítio Pedra Grande, uma continuidade territorial do Sítio Caboclo. A experiência do fazer coletivo e da luta para o recebimento dos serviços básicos e essenciais foi fundamental para a construção da identidade da comunidade. Em nossos encontros, a frase mais tocante, pronunciada por Jorge, um jovem talento bastante atuante junto ao grupo foi: “Graças a Deus, agora, ninguém mais passa fome por aqui.” Na verdade, a comunidade tem hoje uma boa qualidade de vida apesar dos problemas que enfrenta como a poluição do rio, que vem de outras paragens, a precariedade das estradas de terra que não contam com uma preservação por parte da prefeitura como os moradores gostariam que fosse. Principalmente a partir de um novo projeto em que estão imbuídos de se tornar uma rota do turismo rural, com ênfase na gastronomia típica.

Durante esses anos foram muitos os projetos desenvolvidos, com a participação do COOPERAR, instituição do governo do estado, com financiamentos como do Banco Mundial e do Banco do Nordeste (citados nos relatos dos moradores) e com a participação da EMATER. Quando fomos demandados, no final de 2014, vínhamos de uma experiência com o Programa Mulheres Mil, de resgate da autoestima de mulheres em situação de vulnerabilidade social, com base no aumento do nível de escolaridade e em projetos de geração de renda, no nosso caso específico de produção de artesanato com matérias recicláveis com as catadoras de lixo de uma comunidade denominada Mutirão, em Guarabira, e de produção de bijoutherias na cidade de Duas Estradas. Propugnávamos o cooperativismo solidário tal como proposto por Paul Singer como articulação possível para essas mulheres. Os moradores do sítio Caboclo, por sua vez, estavam desenvolvendo um projeto de criação de galinha-capoeira, justamente sob as hostes do projeto COOPERAR, com a assistência técnica da EMATER. O curso do PRONATEC, de cooperativismo, havia sido proposto como formação dentro desse projeto mais amplo de criação de galinha-capoeira. Galpões haviam sido construídos, as galinhas estavam sendo criadas, a EMATER dava a assistência técnica, com a vacinação dos pintinhos, e o grupo estava às voltas com as questões políticas de colocação no mercado de seu plantel, uma vez que o projeto havia sido pensado para que as galinhas fossem vendidas para o programa de merenda escolar. Porém, assim como a comunidade do Sítio Caboclo estava participando desse projeto, outras comunidades de outros sítios também criavam suas galinhas e, naquele momento, ocorria uma disputa para ver quem conseguia vender para a merenda escolar. Bom, esse era o quadro que se nos apresentava.

À pergunta: “E o que vocês querem do IFPB?” a resposta foi: “Que nos ensine a fazer contas.” (risos), planilhas de custos, preço de vendas, planos de negócios e a organização de uma cooperativa nos moldes da economia solidária. Muito bem, nos eram demandados os conhecimentos próprios dos cursos de contabilidade e de gestão comercial. E a organização da cooperativa. Desde o ENEX – encontro de extensão - de setembro de 2013 estávamos em contato com a INCUTES – a Incubadora Tecnológica de Empreendimentos Solidários – da ProReitoria de Extensão do IFPB.

## 2 Base teórica

### 2.1 A Economia Solidária

Todo nosso trabalho extensionista no IFPB, em especial junto à comunidade do Sítio Caboclo, tem como pressuposto teórico a proposta da Economia Solidária tal como

cunhada pelo professor Paul Singer em sua obra. Os preceitos da autogestão (gestão compartilhada), da produção coletiva, do comércio justo, da tomada de decisões pelo grupo, com igualdade de participação e de responsabilidade são os fundamentos da ação da extensão que praticamos. As metodologias que escolhemos empregar têm como finalidade desenvolver a capacidade da atuação em grupo (escuta, consideração e participação) de todos os envolvidos, comunidade e extensionistas. A produção coletiva, tanto na elaboração de propostas como na execução das tarefas e na confecção dos produtos (os pratos típicos, a arte-cabaça), é o grande aprendizado e o maior desafio prático e concreto que enfrentamos. A realização das rodas de conversa para a tomada de decisões é fator fundamental na tentativa de que todos assumam as responsabilidades e riscos das ações. O aprendizado do diálogo, da interação, da co-participação, da não delegação de poderes com cada membro assumindo sua importância no processo é nosso objetivo maior ainda que, às vezes, muito mais teórico do que realmente alcançável.

### 2.2 A agricultura familiar

Possibilidade efetiva de desenvolvimento sustentável, tem como pauta a produção agrícola e rural sem utilização de agrotóxicos visando a alimentação orgânica. Caracteriza-se por ser realizada em pequenas propriedades rurais com área inferior a quatro módulos fiscais, utilizando predominantemente mão de obra familiar. Assim, as pequenas propriedades rurais geridas por seus proprietários e suas famílias não necessitam de grandes aparatos tecnológicos, utilizando tecnologias menos poluentes com práticas ambientais conservacionistas. A agricultura familiar é responsável por grande parcela da produção alimentícia no país e se coloca como uma importante frente de batalha nas questões da preservação do meio ambiente e na promoção de hábitos alimentares mais saudáveis.

### 2.3 A extensão como prática da pedagogia da autonomia

Trata-se de uma opção teórica com base em Paulo Freire, como o próprio termo sugere mas que vai muito além e encontra eco em John Dewey com a pedagogia da experiência (só se aprende fazendo) e em Mathews Lippman e sua educação para o pensar (o desenvolvimento das habilidades de raciocínio se dá no coletivo, em rodas de conversa nas quais se desenvolve a construção do conhecimento). Podemos até mesmo citar Piaget com seus conceitos de anomia (ausência de normas), heteronomia (submissão às normas externas) e autonomia (participação na criação das normas) e indo mais longe podemos chegar a Kant, que no seu texto “O que é o iluminismo” fala do sujeito autônomo, aquele que atinge a maioria moral ao ser capaz de assumir a responsabilidade pelos próprios atos. Citamos conceito de extensão do Fórum Nacional de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras;

*A extensão é uma via de mão- dupla, com trânsito assegurado à comunidade acadêmica, que encontrará, na sociedade, a oportunidade da elaboração da práxis de um conhecimento acadêmico. Esse fluxo, que estabelece a troca de saberes sistematizado/acadêmico e popular, terá como consequência a produção de conhecimento resultante do confronto com a realidade brasileira e regional, a democratização do conhecimento acadêmico e a participação efetiva da comunidade na atuação da universidade (PLANO...,2000/2001, p.5)*

### 3 As ações de extensão

Foi então com esses propósitos norteadores de nosso trabalho que nos propusemos a atender as demandas da comunidade do sítio Caboclo no final de 2014. Reunimo-nos com o grupo de moradores, ouvimos suas histórias, fazíamos intervenções pontuais e daí foram surgindo os projetos de extensão. O primeiro curso foi oferecido pela enfermeira do IFPB e tratou de questões de saúde, alimentação, cuidados básicos. Houve muito interesse pela saúde da mulher. Outros cursos vieram principalmente de contabilidade: organização de planilhas de custos, contabilidade familiar e pessoal, e Gestão Financeira: uma ferramenta complementar na administração de associações e cooperativas. Concomitante aos cursos de extensão de curta duração foi sendo desenvolvido um trabalho de incubação de cooperativa nos moldes da economia solidária.

Nesse tempo, foi criado no IFPB/GBA o NUCAES (Núcleo Catalisador de Empreendimentos Solidários) em consonância com a metodologia de extensão desenvolvida pela pró-reitoria de extensão no sentido de criação de núcleos de extensão que se articulassem em uma rede rizomática. O NUCAES assumiu então o trabalho de extensão junto à comunidade do sítio Caboclo e em 2015, o Curso Tecnológico de Gestão Comercial teve dois trabalhos de conclusão de curso defendidos cujo objeto era a aplicação de ferramentas de gestão aos empreendimentos da comunidade.

O galpão que havia sido construído para servir de sala de aula para os cursos do PRONATEC transformou-se em um restaurante, já que o referido programa havia acabado. O restaurante “Sabor Camponês” cujo prato típico é a galinha capoeira surgiu para completar o ciclo da criação de galinhas. Para implementar a organização e a gestão do empreendimento foi aplicado a ferramenta CANVAS (Quadro de modelo de negócios). Trata-se de uma ferramenta bem propícia aos nossos trabalhos de extensão de cunho participativo porque são os próprios membros da comunidade, envolvidos no empreendimento a ser trabalhado que dão todas as informações e constroem as alternativas de ação. O trabalho do extensionista é o de mediar o processo. A aplicação desse quadro foi objeto do TCC “Modelagem de Negócios: Aplicação da Ferramenta Canvas ao restaurante “Sabor Camponês” no sítio Caboclo, em Guarabira, PB” desenvolvido pelo aluno Paulo Sérgio Gonçalves Sarmento.

O outro TCC realizado segundo a mesma lógica, de participação ativa da comunidade, constou também da aplicação de uma ferramenta de gestão, desta vez não nos moldes da administração tradicional mas com uma metodologia mais alternativa nem por isto menos eficiente: “Construção de um plano de ação para a associação do sítio Caboclo e Pedra Grande Guarabira-PB através do método Bambu”, desenvolvido pelo aluno Patrício Lourenço da Silva. O método Bambu é uma metodologia utilizada para organizar a atuação de comunidades na gestão de seus interesses em que a metáfora da imagem do Bambu traduz a flexibilidade e resistência. Assim como o Canvas, trata-se de um quadro que o extensionista prega na parede e convida os membros da comunidade a preencher através de questões norteadoras. Construído com bolas de cartolina verdes e rosa de dois tamanhos maiores e menores em que cores e tamanhos servem para dimensionar a importância, prioridades e a viabilidade das ações. Assim são determinadas ações, atividades e responsabilidades por sua execução. Quem, como e quando. Determina-se o prazo para avaliação do que foi feito.

Com a aplicação do Canvas, o restaurante teve uma orientação na gestão de negócios que não foi certamente o único responsável pelo sucesso e crescimento do empreendimento. O que garantiu esse sucesso foi com certeza o trabalho das competentes senhoras que trabalham incansavelmente e estão sempre fazendo cursos de capacitação não só os oferecidos por nossa instituição mas também pelo SEBRAE e por outras instituições que atuam na região. Sempre participando de eventos fizeram com que o restaurante obtivesse grande visibilidade e freguesia. A qualidade de seus produtos e serviços é largamente reconhecida.

Com a aplicação do método Bambu, novas necessidades foram vislumbradas, uma das quais a criação de um artesanato que fosse característico da comunidade. Assim, quando no final de 2015 foi lançada a CHAMADA MCTI-SECIS/TEM-SENAES/CNPQ Nº21/2015 Incubadoras de Empreendimentos Econômicos Solidários, como o NUCAES fosse parceiro da Incutes, a incubadora do IFPB, entramos em parceria no projeto para levar ao sítio Caboclo o artesanato feito com cabaças. Durante o ano de 2016 foi desenvolvido o projeto com o curso de artesanato em cabaças, a constituição de um grupo autônomo de artesãs, a organização da oficina e a criação de um produto típico: as galinhas feitas de cabaça. O artesanato é vendido no restaurante “Sabor Camponês” e em feiras e eventos ligados ao artesanato. Em julho de 2016 a Artcabaça do sítio Caboclo participou do “Brasil mostra Brasil” uma feira internacional na cidade de João Pessoa. E em novembro, da feira de economia solidária que ocorreu no campus João Pessoa do IFPB durante a Semana de Ciência e Tecnologia. Nessa ocasião, as artesãs tiveram a oportunidade de participar de roda de conversa com a representante do artesanato na Paraíba, Lu Maia, responsável pela escolha dos empreendimentos que são aceitos para participar dos Salões de Artesanato da Paraíba que ocorrem em João Pessoa, todo mês de janeiro e em Campina Grande, todo mês de junho, durante o maior forró do mundo. Pode-se então aprender o conceito de artesanato que o diferencia de produtos manuais: artesanato é o produto manual que agrega o valor da cultura local. Precisa ser um produto cultural.

Com isso, verificou-se a necessidade de adequar a Artcabaça para que seja um artesanato genuíno. Em vez de utilizar o biscuit para os bicos e demais detalhes das galinhas, passou-se a utilizar a canga de côco (restos do côco seco) e agora vem o grande desafio: as tintas utilizadas. Próximo a Guarabira, no litoral da Paraíba mais perto da cidade fica a Baía da Traição onde habitam tribos de índios que produzem um artesanato muito valorizado utilizando tintas naturais. Próxima demanda: promover uma capacitação das artesãs do sítio Caboclo com os índios da Baía da Traição com o objetivo de aprender a utilizar as tintas feitas de produtos naturais. Lá vamos nós.

### Conclusão

A extensão é um trabalho muito dinâmico e inovador. Ela só funciona se vier de uma demanda real da comunidade. Não adianta a academia querer levar o seu conhecimento à comunidade sem conhecer suas reais necessidades. Mas, se se tem olhos de ver e ouvidos de ouvir, é possível perceber quão enriquecedor pode ser esta relação. A comunidade tem sua dinâmica própria e seus mecanismos de buscar as soluções para seus problemas e desafios. A academia tem muito a oferecer e a receber também. Porque é uma troca.

Nossos alunos só foram pesquisar métodos de gestão que se adequassem àquela realidade porque o trabalho de extensão permitiu que eles tivessem contato com ela. Da mesma forma, foi necessário sistematizar os conhecimentos do curso de contabilidade para atenderem ao que lhes era pedido. Assim como, professores de filosofia e sociologia integraram seus conhecimentos aos da comunidade na construção de novas formas de relacionamento social e econômico. Professores de economia e contabilidade passaram a ver com outros olhos outras formas de organização econômica, as cooperativas e associações que procuram seguir os preceitos da economia solidária como forma de criar mecanismos de resistência e resiliência às pressões do sistema econômico vigente.

Aprendemos coisas novas, novos objetos de conhecimento foram construídos, pesquisas foram desenvolvidas, a sala de aula e o cotidiano da escola sofreram a influência dos novos parceiros. Os Planos Pedagógicos dos Cursos foram refeitos nesse período e também sofreram esta influência: a disciplina de economia agora conta nos seus conteúdos curriculares com a economia solidária. As confraternizações da escola, agora, são realizadas no restaurante “Sabor Camponês”, ao saber de uma saborosa galinha caipira, com feijão verde do quintal do vizinho e suco de acerola de outro quintal.

A comunidade também se modificou com a presença do IFPB. Logo no início de 2016 passou a ser realizada uma vez por mês uma feira de economia solidária na sede da associação onde são comercializados os produtos dos produtores locais. O sonho de fazer parte do turismo rural na Paraíba, aos poucos vai se consolidando, com caravanas de turistas que vão almoçar no restaurante, aproveitam para curtir uma gostosa tarde no sítio e conhecer as redondezas. Guarabira já passou a fazer parte da rota de turismo do estado e o “Sabor Camponês” já figura nas indicações de turismo gastronômico.

Não podemos deixar de reconhecer que não é tudo um mar de rosas. O processo de mudança é lento. Encontramos muita resistência. Tanto dentro de nossa instituição por parte daqueles que não conseguem compreender que uma nova economia é possível quanto por parte da sociedade que não acredita que um novo mundo é possível. Um grande problema que a comunidade enfrenta hoje é com as vias de transporte. Se nos inícios do século XXI, suas estradas tinham dificuldades para passar um carro de boi, ainda hoje, às vezes, só é possível passar o carro de boi. Se bem que hoje, no interior da Paraíba, as motos substituíram o cavalo e vão a todo lugar. Mas as estradas vicinais que cortam o sítio Caboclo e Pedra Grande são precárias e não dão passagem a ônibus de turismo, o que dificulta a chegada de excursões ao restaurante.

Nossos cursos de contabilidade e gestão ainda são voltados para as empresas particulares e as comunidades ficam destituídas da adequação dos conhecimentos acadêmicos às suas realidades. Além do sítio Caboclo, muitas outras comunidades similares em Guarabira e nas cidades circunvizinhas demandam nossos serviços de extensão. Mas são poucos os professores e alunos envolvidos e dispostos a este tipo de articulação. Há no momento uma forte demanda expressa pela Secretaria Estadual de Economia Solidária e pelo Fórum Estadual de Economia Solidária de se fazer um mapeamento dos empreendimentos que funcionam segundo os parâmetros da economia solidária na região: produção e gestão coletiva. Mas, somos poucos para tanta demanda.

## Referências

FAUTH Elvin Maria. Agricultura Familiar: força revigorada. Revista Eletrônica Indicadores Econômicos FEE, Porto Alegre, v. 34, n. 3, p. 25-34, dez. 2006.

FREIRE, Paulo. Extensão ou Comunicação? 8. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

PLANO Nacional de Extensão Universitária. Brasília, DF: Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras e SESu/Mec, 2000/2001. Edição atualizada. Disponível em: <<https://coec.jatai.ufg.br/up/431/o/PNEX.pdf>>. Acesso em: 5 set. 2016.

SINGER, Paul. Introdução à Economia Solidária. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2002.

SOUZA, Beatriz Alves de; MEDEIROS, Vânia Maria; MEDEIROS, Crisvalter R. de Araújo (Orgs.). Extensão: conexão e diálogo. João Pessoa: IFPB, 2016.

# V Cinecipó – Festival de Cinema Socioambiental: extensão, interdisciplinaridade e desenvolvimento

Glauceine Silva Martins<sup>1</sup>

O cinema, seja ele ficção ou documentário, sempre foi um potente instrumento para se perceber e estar no mundo, mais que isso, é fundador de novas realidades. O Cinecipó - Festival de Cinema Socioambiental é um evento voltado para temáticas socioambientais e etnográficas, sendo realizado desde 2011 na região da Serra do Cipó. Este Festival foi idealizado por Cardes Amâncio e Daniela Pimentel e vem possibilitando reflexões acerca de questões importantes do tempo atual. Temáticas ligadas ao meio ambiente, diversidade, gênero, etnias, política, conservação, sustentabilidade e empreendedorismo, dentre outros, estão presentes nos filmes selecionados.

O presente artigo visa apresentar uma descrição da experiência do V Cinecipó – Festival de Cinema Socioambiental enquanto projeto de extensão do CEFET-MG (Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais). Em síntese, esse evento, que ofereceu uma programação gratuita de filmes e oficinas à comunidade local e visitantes, buscou a transversalidade a partir da formação de redes que envolveram os realizadores audiovisuais, ONGs, empresas, instituições de ensino, poder público, moradores da região e espectadores, construindo um espaço para o diálogo com a comunidade, representada por diversos de seus segmentos, nas áreas das artes, do empreendedorismo, do meio ambiente e da cultura.

Após o encerramento do V Cinecipó, ficou evidente a importância de dar continuidade ao referido projeto de extensão, principalmente porque, no longo prazo, a comunidade da Serra do Cipó, MG, poderá se beneficiar social e economicamente com mais acesso à cultura, troca de experiências, retorno de pesquisas acadêmicas e capacitação profissional.

## 1 CONTEXTO E DIAGNÓSTICO DAS DEMANDAS EXISTENTES/IDENTIFICADAS

A Serra do Cipó é conhecida por se tratar de uma região turística, rica em recursos naturais e biodiversidade. Com a missão de proteger a riqueza natural nativa da região foi criado em 1984 o Parque Nacional da Serra do Cipó, com uma área total de 33.800 hectares<sup>1</sup>. A Área de Proteção Ambiental – APA Morro da Pedreira circunda toda a área do Parque Nacional da Serra do Cipó e juntas protegem uma área de mais de 100.000 hectares com diversas espécies de flora e da fauna brasileiras ameaçadas de extinção e ambientes únicos (ICMBIO, 2016).

Os Parques Nacionais, conforme o Sistema Nacional de Unidades de Conservação (SNUC) têm como objetivo básico a preservação de ecossistemas naturais de grande relevância ecológica e beleza cênica, possibilitando a realização de pesquisas científicas e o desenvolvimento

de atividades de educação e interpretação ambiental, de recreação em contato com a natureza e de turismo ecológico (Lei 9.985/2000). A iniciativa relatada neste artigo mostra como é possível considerar a inserção de instituições de ensino, em especial a partir da extensão universitária, para proporcionar o desenvolvimento regional sustentável em conformidade com a preservação do meio ambiente.

Vale ressaltar que o projeto de extensão visou trabalhar em conjunto com outros apoiadores e participantes externos para a realização do Cinecipó, que ocorreu em 2015, nos municípios de Belo Horizonte e Santana do Riacho, Minas Gerais (Distritos: Serra do Cipó e Lapinha da Serra). Algumas demandas por oficinas partiram do contato da comissão organizadora com a população local, sobretudo, representantes do Fórum de Desenvolvimento Regional da Serra do Cipó. Tal aproximação gerou uma compilação de oficinas nos campos das artes/cultura, empreendedorismo e meio ambiente, com a finalidade de transferir saberes de interesse dos habitantes e frequentadores da Serra do Cipó. Após a realização do evento cinematográfico e das oficinas, estes foram avaliados a partir de indicadores previamente estabelecidos como metas e dos relatórios de prestação de contas elaborados pela comissão organizadora, que, por sua vez, serão detalhados nas próximas seções deste artigo.

## 2 DESENVOLVIMENTO REGIONAL E O PROJETO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

Uma das características primordiais do desenvolvimento regional resulta da mobilização da sociedade, conduzindo as capacidades e potencialidades específicas de cada localidade. Para o desenvolvimento regional é primordial a existência de oportunidades sociais e de competitividade econômica para se encontrar um balanço entre aumento da renda e das formas de riqueza e a conservação de recursos naturais (Coelho, 2009).

Haveri (1996) associa o desenvolvimento de local às iniciativas inovadoras e mobilizadoras da sociedade na pretensão de utilizar características específicas e qualidades superiores das comunidades com o intuito de gerar uma vantagem competitiva quando comparada a outras regiões.

A grande discussão envolve como se obter um desenvolvimento local sem afetar as necessidades básicas de gerações futuras. Assim, a importância de se discutir a sustentabilidade no setor turístico está relacionada às transformações e impactos das empresas do setor no ambiente em que atuam. A sustentabilidade é um conceito sistêmico, relativo à continuidade de aspectos econômicos, sociais, culturais e ambientais da sociedade (Hoffmann; Braguirolli; Campos, 2010). Nesse sentido, empresas turísticas são pressionadas a contribuir para a valorização da cultura local, respeito ao meio ambiente, geração de emprego e renda, dentre outros (Souza; Ferreira, 2010).

Deste modo, as ações do V Cinecipó envolveram a sustentabilidade em suas mais diversas dimensões e proporcionariam reflexões sobre a temática no destino turístico diretamente com a população local.

## 3 V CINECIPÓ FESTIVAL DE CINEMA SOCIOAMBIENTAL – METODOLOGIA EXTENSIONISTA

Realizado entre os dias 14 e 17 de outubro de 2015, o V Cinecipó – Festival de Cinema Socioambiental, cuja programação foi gratuita, foi divulgado pela internet (site e página

<sup>1</sup> Doutoranda em Administração (UFMG), Professora e líder do Núcleo de Inovação, Competitividade e Empreendedorismo (NICE) no CEFET-MG

1 Municípios de Jaboticatubas, Santana do Riacho, Morro do Pilar e Itambé do Mato Dentro.

do facebook do evento) e em releases de imprensa, além de cartazes e banners impressos dispostos em locais estratégicos, tanto na Serra do Cipó, quanto em Belo Horizonte.

O V Cinecipó se configurou como atividade de cunho sócio-cultural desenvolvida por professores e alunos do CEFET-MG e visou trabalhar em parceria com outros apoiadores e participantes externos. Com efeito, isto já demonstra a integração entre o universo acadêmico e a sociedade, aspecto positivo que deve ser ressaltado.

A coprodução do evento e a participação de professores e alunos nas oficinas estimulou o caráter empreendedor de todos os envolvidos, seja como procedimento de vida, seja como objeto de estudo, além de provar o valor da ação voluntariada como parte da estratégia de transferência de tecnologia e de convivência para troca de experiências. Vale ressaltar que a realização do V Cinecipó ocorreu também na capital mineira, entre os dias 23 a 31 de outubro de 2015. Entretanto, o presente relato considera apenas a parte do V Cinecipó que ocorreu na Serra do Cipó, município de Santana do Riacho, cujo detalhamento, na condição de projeto de extensão universitária, será apresentado a seguir.

### 3.1 Projeto de Extensão Universitária

De acordo com o Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras, a extensão universitária “[...] é um processo interdisciplinar, educativo, cultural, científico e político que promove a interação transformadora entre Universidade e outros setores da sociedade” (FORPROEX, 2012, p. 16). Vale mencionar que o referido processo está respaldado pelo princípio da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, tal como consta no art. 207 da Carta Magna de 1988 (BRASIL, 1988).

Pode-se afirmar que a extensão não é apenas uma boa prática das universidades, como também de outras instituições de ensino, como é o caso do CEFET-MG. Por sua vez, nesta Instituição, o apoio ao V Cinecipó, sob a égide de projeto de extensão, se deu de forma verticalizada. Houve a participação dos corpos docente e discente desde a pós-graduação até o ensino técnico. Como princípio de ação, foi adotada a postura de integração multi e interdisciplinar, que contou com a participação de núcleos de pesquisa (NICE – Núcleo de Inovação, Competitividade e Empreendedorismo), PET (Programa de Educação Tutorial) de Administração, PET Ambiental, Tecnopoéticas/Posling (Grupo de Pesquisa em Poéticas Telemáticas, Cibernéticas e Impressas) e a oportunidade de troca de saberes e experiências junto com a comunidade da Serra do Cipó.

Tal integração afirma a troca de saberes e experiências como procedimento para se construir um conhecimento partilhado e sólido, bem como dialoga com o próprio conceito de extensão universitária supracitado. Essa noção que orientou o projeto contribuiu para a participação, no âmbito do CEFET-MG, de 1 (um) curso de pós-graduação – Doutorado em Letras, três cursos de graduação – Graduação em Letras, Graduação em Administração e Graduação em Engenharia Ambiental e Sanitária, 1 (um) curso técnico – Curso Técnico em Hospedagem e duas disciplinas de ensino médio – Educação Física e História.

Como objetivos norteadores das ações, pode-se elencar: a oferta de oficinas e cursos para se promover atividades transformadoras e o desenvolvimento sustentável para a comunidade local e para os turistas; desenvolver o espírito e a formação de empreendedores por meio de oficinas que envolvam atividades de capacitação de demandas locais em diálogo com as questões gerais do País e do mundo; realizar atividades complementares às mostras de filmes, como shows, debates, apresentações e exposições que valorizam o patrimônio imaterial, a memória e a cultura; estimular a circulação das mercadorias produzidas localmente; inserir o distrito Serra do Cipó do município de Santana do Riacho no calendário internacional dos festivais de cinema ambiental.

Para além da divulgação digital e impressa, feita pelos canais tradicionais, também se deve destacar a realização de uma intervenção cultural proposta pela disciplina de “Teoria e Prática de Promoção de Eventos” do curso técnico em Hospedagem, e levada a cabo juntamente com os alunos de outros cursos envolvidos. Esses agentes do corpo acadêmico promoveram uma ação cultural pelas ruas do distrito com o fim de sensibilizar, mobilizar e convidar a comunidade local para o evento, assim como os turistas que passavam pelas ruas. Como estratégia, colocaram em exercício seus conhecimentos quanto ao uso de instrumentos musicais e se fantasiaram de personagens do cinema e da televisão, de tal forma a despertar ainda mais a atenção das pessoas. Nesta ação houve, simultaneamente, a distribuição de balas e doces para as crianças, mesmo porque o V Cinecipó também contou com mostra de filmes infantis.

Durante os quatro dias nos quais se transcorreu o evento, outras atividades dos membros da organização foram executadas, como a aplicação de questionários de satisfação, a distribuição de cédulas da mostra competitiva para a votação popular de premiação cinematográfica e o desenvolvimento dos cartazes das barraquinhas da feira gastronômica.

Foram propostas e ofertadas cinco oficinas para a comunidade local e turistas durante o V Cinecipó, quais sejam: (a) Oficina de Empreendedorismo - Método Canvas - dia 14/10/2015 - 4 horas, Professora Responsável: Glauciene Martins; (b) Oficina de Coquetelaria - dia 17/10/2015 - 4 horas, Professora Responsável: Virgínia Oliveira; (c) Oficina de Compostagem - dia 16/10/2015 - 4 horas, Professora Responsável: Valéria Zago; (d) Oficina de Artes Plásticas - Land Art - dia 15/10/2015 - 8 horas, Instrutor Responsável: André Menezes; (e) Oficina Trilha Interpretativa – dia 16/10/2015 – 4 horas; Professores Responsáveis: Daniel Hübner e Raimundo Ansaloni.

As inscrições para as oficinas foram realizadas pelo site do evento ou via formulários impressos e distribuídos pela Associação Comunitária e Centro de Atendimento ao Turista, da Secretaria de Turismo de Santana do Riacho. Mas se disponibilizou ainda a possibilidade de as inscrições serem feitas no dia de início das oficinas, caso houvesse vaga. Reforce-se que todas as inscrições foram gratuitas.

Alguns estabelecimentos como a Associação Comunitária, a Pousada Chão da Serra, a Pousada Bela Vista e o Parque Nacional da Serra do Cipó ofertaram os espaços nos quais se realizaram as oficinas sem nenhuma remuneração em troca, o que confirma o bom sucesso das relações estabelecidas como contrapartida tanto por parte do CEFET-MG quanto das instituições presentes na localidade do evento.

### 3.2 Festival cinematográfico

O trabalho de curadoria dos filmes, realizado por Cardes Monção Amâncio<sup>2</sup> e Paulo César da Costa Heméritas<sup>3</sup>, foi uma longa imersão por 266 obras inscritas (de curta, média e longa duração), que somaram 55 horas de projeção fílmica, de praticamente todos os estados do Brasil e diversos países.

Os filmes foram recebidos por três vias online: o próprio site<sup>4</sup> do festival, onde se encontram durante o período de inscrições o regulamento e um formulário específico; a

2 Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens no Centro Federal de Educação Tecnológica – CEFET-MG.

3 Doutor em Sociologia Política pela Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro – UENF.

4 Disponível em: <<http://www.cinecipó.com.br>>. Acesso em: 29 mar. 2016.

plataforma Festhome<sup>5</sup> e a plataforma Movibeta<sup>6</sup>. Essas duas últimas são sites especializados em conectar os diretores de filmes com os festivais.

A abrangência temática do Cinecipó é ampla e de acordo com o artigo 3º de seu regulamento<sup>7</sup>:

*A ênfase da curadoria é um cinema livre, capaz de confrontar o pensamento único e que trate de temas que permitam uma leitura socioambiental e etnográfica, que abordem questões de gênero, reforma agrária e urbana, questões indígenas, de minorias, de movimentos sociais, etc.*

Assim sendo, o cinema socioambiental se constitui como fonte alternativa de acesso a discursos não hegemônicos e fortalecedor de identidades, o que se apresenta como uma das finalidades desse festival.

### 3.3 Metas e objetivos atingidos

Passe-se a verificar as metas que foram sugeridas no projeto e cumpridas, conforme os indicadores descritos a seguir:

**Meta 1** – Organizar e coproduzir o evento (pré-produção, produção e pós-produção). Indicador: Número de alunos e professores envolvidos.

O quadro 01 abaixo apresenta o envolvimento da comunidade cefetiana no V Cinecipó. Foram, no total, 36 alunos envolvidos, dentre os quais 10 estiveram envolvidos diretamente na organização do evento, 10 foram monitores das oficinas, 14 do curso Técnico em Hospedagem que participaram de oficinas (inclusive as duas bolsistas do NICE - Técnico em Hospedagem) e dois bolsistas do NICE (Graduação em Administração). Além disso, o evento contou com a participação de 10 professores, sendo seis envolvidos na equipe organizadora.

**Meta 2** – Realização de 5 (cinco) oficinas. Indicador: Quantidade de participantes.

De acordo com o Quadro 2 abaixo, foram realizadas 5 oficinas, que envolveram um público total de 56 participantes. Além disso, foi ofertada uma palestra sobre empreendedorismo para 35 alunos, dentre os quais, na época, estavam vinculados ao Curso Técnico em Hospedagem e Graduação em Administração.

Público na exibição de filmes: 14/10/2015 – 100 pessoas; 15/10 – 136 pessoas; 16/10 – 84 pessoas; 17/10 – 115 pessoas. Total de público do evento: 86 pessoas participaram das oficinas; 435 pessoas participaram da mostra cinematográfica; obteve-se o total de 521 pessoas que participaram dos 4 (quatro) dias de evento.

**Meta 3** – Mensurar votação popular da mostra competitiva. Indicador: Vencedor da votação popular.

5 Disponível em: <http://www.festhome.com/>. Acesso em: 29 mar. 2016.

6 Disponível em: <http://www.festival.movibeta.com/>. Acesso em: 29 mar. 2016.

7 Disponível em: <https://cinecipoc.com.br/regulamento-e-inscricao-2/>. Acesso em: 29 mar. 2016.

Envolvimento da comunidade acadêmica cefetiana	Quantidade	Relação de participantes
Total de professores envolvidos na equipe organizadora do evento	6	1. Glauciene Silva Martins; 2. Mariana de Freitas Coelho; 3. Daniela Maria Rocco Carneiro; 4. Virgínia Sofia Franco de Oliveira; 5. Valéria Cristina Zago e 6. Wagner José Moreira
Professores que ministraram Oficinas	2	Daniel Braga Hubner e Raimundo Ansaloni
Professora convidada que participou da divulgação do evento na comunidade	1	Suelen Maria Marques
Total de alunos envolvidos na equipe organizadora do evento	10	1. Cardes Monção Amâncio (Doutorando em Letras/Posling); 2. Ariana Barbosa dos Santos (Graduação Letras); 3. Amanda Clara Garcia Baesse (Técnico em Hospedagem); 4. Andrea de Aguiar Goulart Campos (Técnico em Hospedagem); 5. Flávia Caroline Pessoa (Técnico em Hospedagem); 6. Isabella Cristina da Silva Costa (Técnico em Hospedagem); 7. Isadora Istefani Pongeluppi (Técnico em Hospedagem); 8. Jasmim Adália Souza Muller (Técnico em Hospedagem); 9. Marcos Oswaldo de Araújo Pinto (Técnico em Hospedagem) e 10. Natasha Regina Vieira Fonseca (Técnico em Hospedagem).
Total de monitores das oficinas	10	- André Araújo de Menezes (Doutorando em Letras/Posling) - PET Administração: 5 alunos - PET Ambiental: 4 alunos
Bolsistas do NICE (Graduação em Administração)	2	- Dimitri Gomes dos Santos - Natália Oliveira Gonzaga
Bolsistas do NICE (Técnico em Hospedagem)	2	- Izabela Zago Costa de Macedo - Karolina Paola Andrade Costa
Alunos do curso Técnico em Hospedagem que participaram das oficinas	14	Observação: Nesta contagem também estão incluídas as duas bolsistas do NICE (Técnico em Hospedagem).
<b>N. total de alunos envolvidos.....</b>		<b>36 alunos</b>
<b>N. total de professores envolvidos.....</b>		<b>10 professores</b>

Quadro 1 – Partícipes do Projeto de Extensão Universitária no CEFET-MG. Fonte: Dados do projeto, 2015.

Filmes mais votados pelo público de cada sessão da mostra de curtas - Serra do Cipó: (1) Sementes – Dir. Marcelo Engster, Documentário, 12', RS, 2015; (2) O corpo é meu – Dir. Luciana Oliveira, Documentário, 24', SE, 2014; (3) Sempre Viva – Dir. Tiago Carvalho, Documentário, 23'58", RJ, 2014; (4) Pássaro do amor (Morgh-e-Eshgh) – Dir. Kouros Samanian, Ficção, 4', Irã, 2015.

Oficina	Data	Total de participantes/oficina
Oficina de Empreendedorismo - Método Canvas	14/10/2015 e 15/10/2015	5
Palestra sobre Empreendedorismo: <i>case</i> da Pousada Chão da Serra	15/10/2016	35
Oficina de Artes Plásticas - Land Art	15/10/2015	5
Oficina de Compostagem	16/10/2015	10
Oficina Trilha Interpretativa	16/10/2015	26
Oficina de Coquetelaria	17/10/2015	10
<b>Total de participantes .....</b>		<b>91</b>

Quadro 2 – Partícipes das Oficinas do V Cinecipó. Fonte: Dados do projeto, 2015.

A Figura 1 apresenta um conjunto de fotos de algumas atividades realizadas no evento.



ARQUIVO DO EVENTO

Intervenção cultural



ARQUIVO DO EVENTO

Oficina



DANIELA PIMENTEL

Oficina de Compostagem

Figura 1 – Fotos do evento

**Meta 4** – Emitir certificados impressos para os participantes. Indicador: Número de certificados.

Ao todo, 86 certificados foram emitidos para os participantes das oficinas e 45 certificados dos professores e alunos do CEFET-MG envolvidos na organização.

## 4 RESULTADOS

Como a base econômica da Serra do Cipó abrange empresas turísticas, o envolvimento de empreendedores locais serviu como aporte de discussão da sustentabilidade conforme apontado por Souza e Ferreira (2010) e Hoffmann, Braguirolli e Campos (2010). Entretanto, entende-se que se trata de uma pequena ação frente às necessidades de discussão da sustentabilidade com o intuito de gerar desenvolvimento regional na região do projeto de extensão.

Por outro lado, não se pode deixar de destacar que se por um lado o projeto propicia o desenvolvimento local, por outro, trata-se de uma rica ferramenta de ensino para os professores e alunos envolvidos com o mesmo. Assim, a atividade permitiu não só o contato com a comunidade, mas a troca de saberes e de perspectivas de vida.

O desenvolvimento do V Cinecipó como extensão universitária também levou a alguns aprendizados para a organização do evento. Chama-se a atenção para o fato de se ter que apresentar aos alunos as condições para participação no evento, tais como o transporte, a hospedagem e a alimentação, uma infraestrutura imprescindível para o bom funcionamento das ações socioculturais. Deve-se desenvolver, com base nessa primeira experiência, um sistema de seleção e preparação dos alunos que por ventura se interessem em participarem do evento. Também, incentivar esse discente selecionado a cumprir o compromisso assumido seja por meio de um termo de compromisso para o aluno aprovado no processo de seletivo assinar, seja pela ação preparatória a se realizar na pré-produção do evento.

Ainda, outros aspectos foram levantados como: solicitar e desenvolver no orçamento do projeto o material para oficinas (apostilas, papelaria); planejar e confeccionar a urna de votação dos filmes da mostra competitiva; planejar e confeccionar os recipientes, bem como escolher os pontos de coleta de resíduos (lixo orgânico, resíduos sólidos); prever o dia de lazer para participantes que atuarem na organização, uma vez que esses agentes também podem agir como população itinerante; repassar o acervo de filmes do Cinecipó das edições anteriores para a escola local da Serra do Cipó (professores, alunos e familiares) e para o CEFET-MG (extensivo à comunidade do entorno, como, por exemplo, alunos da Escola Estadual Maurício Murgel); e, por fim, procurar outras fontes de fomento (Caixa Econômica Federal, Capes, editais).

Por fim, entende-se que a iniciativa é apenas o começo de uma parceria que pode se desdobrar em novas ações que permitam o desenvolvimento de atividades sustentáveis por empreendedores e moradores locais da Serra do Cipó.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para finalizar a reflexão sobre o V Cinecipó – Festival de Cinema Socioambiental, deve-se considerar alguns pontos que serviram como aprendizado para os organizadores e poderão ser considerados em projetos futuros.

Quanto às oficinas, entendeu-se que é necessário propor oficinas que sejam importantes para a comunidade local, mas também interessantes para outros públicos e solicitar uma contrapartida de cunho socioambiental para quem participar das oficinas - levar um livro ou um quilo de alimento não perecível, por exemplo. Também acredita-se que manter o apoio dos alunos do CEFET-MG (Administração e Hospedagem) nas oficinas e no evento contribuirá para o desenvolvimento regional e turístico do mesmo, uma vez que mais interessados podem comparecer ao evento, concorrendo para se manter a premissa de aliar os turistas à comunidade local.

Uma dificuldade enfrentada foi quanto à divulgação e sensibilização da comunidade para participar do evento e para se aumentar o número de pessoas nas oficinas. Algumas sugestões decorrentes dessa ação são enfatizar que o evento é gratuito e mobilizar os parceiros locais no processo de divulgação (estabelecimentos comerciais, Parque Nacional da Serra do Cipó, Associação Comunitária, Prefeitura) em um período anterior à realização do evento.

Quanto ao festival cinematográfico, o V CineCipó cumpriu a sua finalidade de ser um festival de cinema que apresenta filmes engajados, com produções que não circulam normalmente nos veículos de mídia tradicionais, nem em salas de cinema comerciais. Desse modo, ele realizou o seu papel fundamental de circulação de novas ideias, de discursos diversos e polifônicos. Também, como resultado dessa postura, colaborou para a desconstrução de preconceitos e de estigmas arraigados socialmente, trazendo a público sentimentos, pensamentos e políticas, que não recebem uma atenção mais demorada e atenta por parte dos grandes meios de comunicação. Ainda, seguindo essa perspectiva, colaborou para o despertar e o afirmar de uma postura política e de um engajamento social que se apresentem com a identidade coletiva regional, em diálogo com os discursos universais e o desenvolvimento regional sustentável.

Destaque-se o fato de os espectadores terem influenciado na programação. Uma das sessões mais importantes, foi aquela especial, realizada atendendo à pedidos dos agricultores orgânicos e produtores rurais que se situam junto ao Mercadinho Caindo Fulô do Cipó. O Mercadinho é um espaço local de uma iniciativa de autogestão, na qual verifica-se a conexão entre produtor-consumidor, sem a presença de atravessadores. Na noite do dia 14/10/2015 alguns participantes do Mercadinho estavam presentes na sessão em que foi exibido o documentário “Sementes” (Engester, 2015) e solicitaram que o filme fosse projetado na manhã seguinte, durante a reunião dos produtores. O vídeo foi bastante elogiado pelo público e para nós da organização, um lampejo do poder do cinema como irradiação do pensamento e de ações. Como escrevem Hardt e Negri, “o conhecimento comum é produzido por todos, desde agricultores que lidam com sementes crioulas à programadores de computador. Todos se amparam fortemente num conhecimento comum pré-existente e contribuem para que este se cresça” (Hardt; Negri, XV, 2006). Assim o cinema se alia às tecnologias rurais seculares e às iniciativas de economia solidária, atuando como catalisador na transferência de tecnologias sociais. Deste modo, acredita-se que o projeto está alinhado às premissas de desenvolvimento regional, conforme apontado por Coelho (2009), Buarque (1999) e Haveri (1996).

Nessa edição, houve uma inovação ao se programar para a Serra do Cipó uma segunda tela, na qual foram projetados filmes especiais para as crianças, no mesmo horário dos outros filmes. Com esse movimento em direção a um público mais jovem, quis-se introduzir o conceito socioambiental na camada da população mais jovem, assim como cultivar e incentivar a criação de um público futuro para o evento. Além, é claro, de contribuir na formação de um sujeito crítico, capaz de refletir sobre as questões de seu tempo e de sua vida.

É preciso afirmar que os objetivos e metas propostos foram cumpridos e que as melhorias relacionadas anteriormente servem como estímulo para o aperfeiçoamento das ações futuras. Nesse sentido, fazer pesquisa acadêmica conjuntamente com uma intervenção junto à comunidade local, mostrou-se bastante frutífero para todas as partes envolvidas nesse processo. Principalmente, quando foi demonstrado o interesse de cidadãos da comunidade no planejamento futuro de um próximo festival, nesses moldes, assim como enunciam ações em suas práticas diárias. Finalmente, entende-se que o projeto apresentou duas vias principais: 1) a educação por parte dos envolvidos na organiza-

ção e da comunidade, possibilitando a troca de conhecimento e a oportunidade de testar novas ferramentas de ensino e; 2) o desenvolvimento regional por meio de um evento que preconizou discussões de arte, meio ambiente, cultura e empreendedorismo.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Brasília. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm)>. Acesso em: 13 abr. 2016.

BUARQUE, Sérgio C. Metodologia de planejamento do desenvolvimento local e municipal Sustentável. Material para orientação técnica e treinamento de multiplicadores e técnicos em planejamento local e municipal. Brasília, 1999.

COELHO, M. F. A Dinâmica do Hipercentro de Belo Horizonte e a Hotelaria: em busca da sustentabilidade local. Monografia (Pós-Graduação em Elaboração, Gestão e Avaliação de Projetos Sociais), Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2009.

FÓRUM DE PRÓ-REITORES DE EXTENSÃO DAS UNIVERSIDADES PÚBLICAS BRASILEIRAS – Forproex. Política Nacional de Extensão Universitária. Forproex, Manaus, 2012.

HARDT, M. E NEGRI, A. Multidão: guerra e democracia na era do Império. Rio de Janeiro: Record, 2005.

HAVERI, A. Strategy of comparative advantage in local communities. *Finish local Government Studies*, v. 22, n. 4, 1996.

HOFFMANN, H. E., BRAGHIROLI, C. E CAMPOS, L. M. S. Redes de empresas e Instituições de Suporte ao Turismo: Teoria e Prática. In: PHILIPPI JR., A.; RUSCHMANN, D. M. (edit.). *Gestão Ambiental e Sustentabilidade no Turismo*. São Paulo: Manole, 2010. p. 575-601.

ICMBIO. Parque Nacional da Serra do Cipó. Disponível em: <<http://www.icmbio.gov.br/parnaserradocipo/quem-somos.html>> Acesso em: 16/10/2016.

Sementes (2015). Direção: Marcelo Engster. Rio Grande do Sul. 2015. 12 min, cor. Documentário, 12', RS.

SHOHAT, E. E STAM, R. Crítica da imagem eurocêntrica. São Paulo: Cosac Naify, 2006.

SOUZA, M. J. B. E FERREIRA, E. Responsabilidade social em organizações turísticas. In: PHILIPPI JR., A.; RUSCHMANN, D. M. (Ed.). *Gestão Ambiental e Sustentabilidade no Turismo*. São Paulo: Manole, 2010. p. 755-773.

# Desenvolvimento de autômatos entre o CEFET-MG e a Escola Municipal Ivan Diniz Macedo: arte, história, ciência e tecnologia em diálogo

Cláudia Gomes França<sup>1</sup>

**Resumo:** Este texto apresenta resultados parciais do projeto *Desenvolvimento de autômatos entre o CEFET-MG e a Escola Municipal Ivan Diniz Macedo: arte, história, ciência e tecnologia em diálogo*. O projeto tem como objetivo elaborar práticas transdisciplinares que articulam as áreas do conhecimento citadas, por meio da produção de autômatos. Autômatos são objetos mecânicos móveis que combinam conceitos de mecânica e física com expressão cultural e artística. Tem-se como base a noção de Objetos de Aprendizagem (OA) do Núcleo de Construção de Objetos de Aprendizagem (NOA) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), que busca, por meio da construção de objetos, introduzir os alunos na estruturação conceitual das disciplinas científicas. O projeto foi desenvolvido em parceria entre o CEFET-MG e a Escola Municipal Ivan Diniz Macedo, da rede pública da Prefeitura de Contagem/MG. Partiu-se do princípio de que o desenvolvimento de autômatos se configura como uma prática transdisciplinar, que pode trazer contribuições no sentido de construir conhecimento de forma transversal e contextualizada, promover o diálogo entre teoria e prática e tratar da dimensão social e cultural da técnica. A metodologia foi composta por um conjunto de procedimentos que se distribuíram em atividades de caráter exploratório que se complementaram e se fundamentaram pela pesquisa documental. Espera-se que essa experiência possa ser replicada em outros espaços escolares e não-escolares.

**Palavras-chave:** Arte e História; Ciência e Tecnologia; Práticas Transdisciplinares; Autômatos.

## 1. JUSTIFICATIVA

A motivação para a elaboração desse projeto se deu a partir do encontro de dois educadores, autores desta comunicação, uma professora de artes e um professor de história que, individualmente, desenvolvem trabalhos que articulam arte e ciência. A vontade de trabalhar juntos se realizou pela oportunidade de dialogar ciência, arte, história e tecnologia de forma transdisciplinar e pela construção de autômatos no espaço escolar.

Autômatos são objetos mecânicos móveis que combinam conceitos de mecânica e física com expressão cultural e artística. A proposta de construção desses objetos constitui uma forma de estimular os alunos a refletirem sobre o processo de manufatura e as diversas interpretações artísticas, científicas, tecnológicas e histórico-filosóficas que deles possam advir.

Nos anos de 2013/2014 foram realizadas visitas técnicas ao “Espaço Dóing: Oficina Aumentada” no Pavilhão do Conhecimento Ciência Viva, Lisboa, Portugal, que se apresenta

como uma oficina divertida para trabalhar a inventividade, a criatividade e a investigação de forma colaborativa. Trata-se de um espaço para criar, fazer, experimentar, construir e compartilhar, onde tentativa e erro se conjugam de forma divertida e inspiradora. O espaço divide-se em duas áreas: a primeira, se destina às atividades abertas de experimentação, de circuitos elétricos a pistas de pouso de pequenos aeroplanos; a segunda, é uma área *maker* criada para que os visitantes desenvolvam seus próprios projetos, de peças de roupa a impressoras 3D. A proposta aqui delineada vai ao encontro desse tipo de ambiente de aprendizagem, onde os alunos podem experimentar livremente, buscando soluções de problemas por tentativa e erro e pela troca de ideias.

As interações proporcionadas por esse ambiente aos seus visitantes levou aos conceitos e procedimentos de um movimento de cunho tecnológico e, sobretudo, social, emergente em termos mundiais, a Cultura *Maker*. Cultura *Maker* (ou “Movimento *Maker*”) é considerada uma extensão, com vertente mais tecnológica e técnica, da cultura do *Do It Yourself* (DIY), segundo a qual qualquer pessoa pode construir, consertar, modificar e fabricar objetos, máquinas, projetos e processos com suas próprias mãos. O *Make It Yourself* (MIY) absorve a ampla gama de informações disponibilizadas pelas tecnologias digitais e da informação. Com esse espírito surgiu a proposta da disciplina ministrada por Neil Gershenfeld (2012) denominada “*How to Make (almost) Anything*”, em 2001, no *Center for Bits and Atoms* (CBA) do *Massachusetts Institut of Technology* (MIT), uma das origens dessa cultura. O foco de Gershenfeld foi traçar um paralelo entre a computação e a fabricação pessoal e as fronteiras entre a computação e a física. Trata-se de uma articulação entre o conhecimento advindo da produção individual e o conhecimento científico e tecnológico.

A Cultura *Maker* é inspiradora, no sentido de propor novo olhar para o “fazer”, sobretudo o “fazer com as próprias mãos”, uma vez que valoriza seus processos e os ressignifica e, ao mesmo tempo, reconfigura socialmente seus lugares de ação. A historiografia sobre a história da educação profissional no Brasil demonstra a dimensão temporal e social da subestimação dos trabalhos manuais em nossa sociedade. Tal discriminação é potencializada pelos quase 400 anos de existência da escravidão no Brasil. Aos pobres e negros eram geralmente reservados os trabalhos manuais, as “artes mecânicas”, enquanto ricos e brancos se dedicavam às artes liberais, tendo acesso facilitado às instituições escolares e universidades. Esse é um dado importante que está no foco da tentativa de articular conceitos mecânicos e físicos com o ensino de técnicas artísticas e reflexões histórico-filosóficas. Trata-se, pois, de uma educação tecnológica que busque pensar a técnica nas suas relações com a ciência e a sociedade, tal como propõe a abordagem CTS, cujos objetivos se voltam para “abordar as implicações sociais e éticas relacionadas ao uso da ciência e da tecnologia e adquirir uma compreensão da natureza da ciência e do trabalho científico” (AULER, BAZZO, 2001, p. 3).

Nesse sentido, pode-se conceber os autômatos como “Objetos de Aprendizagem” (OA). Esse conceito tem como referência as proposições do Núcleo de Construção de Objetos de Aprendizagem da Universidade Federal da Paraíba, NOA/UFPB. O objetivo das ações desse núcleo é, por meio dos OA, introduzir os alunos na estruturação conceitual das disciplinas. Estimular a curiosidade de forma a provocar e instigar processos criativos que facilitem a construção pessoal de significados a respeito das áreas do conhecimento. Na área da Ciência da Computação, os OA referem-se ao desenvolvimento de recursos digitais voltados para o processo de ensino-aprendizagem, como, por exemplo, os ambientes virtuais utilizados na educação à distância (BRAGA, 2014). A apropriação deste conceito atende à necessidade de enfatizar os objetos não digitais, os artefatos manufaturados produzidos pelos alunos, mas que podem

<sup>1</sup> Doutora em Educação (UFMG), professora e coordenadora do Projeto Ciência, Café e Cultura no CEFET-MG

ser articulados com processos digitais. Autômatos podem ser entendidos como OA na medida em que servem de base para práticas cujo foco é a construção de saberes artísticos, científicos, tecnológicos e humanísticos.

## 2. METODOLOGIA

Os procedimentos metodológicos se distribuíram em atividades de caráter exploratório que se complementaram e se fundamentaram pela pesquisa documental: (i) Atividades exploratórias: participação dos educadores em cursos afins aos objetivos do projeto; criação de cartões na técnica de “pop ups” para trabalhar de forma prática o conceito de movimento; (ii) Pesquisa exploratória: pesquisa sobre artífices brasileiros que se dedicam à fabricação de autômatos; sondagem sobre percepções dos alunos acerca de suas noções sobre as relações entre Ciência, Tecnologia e Sociedade; (iii) Pesquisa documental: pesquisa direcionada para o estudo sobre autômatos, materiais e metodologias e aplicabilidades em práticas educativas; pesquisa bibliográfica sobre história e filosofia da tecnologia, teoria do conhecimento e processos criativos; (iv) Prototipagem - protótipo “sujo” ou de “rascunho” (*low tech*) e protótipo definitivo com utilização de recursos de fabricação digital (*high tech*); (v) Registros de áudio, vídeo e fotográficos de todo o processo de desenvolvimento do projeto; (vi) Caderno de campo; (vii) Intercâmbio, por meio de trocas de cartas, entre os alunos das duas escolas sobre informações pessoais (perguntas “quebra-gelo” como, por exemplo, comida preferida, livro de cabeceira, uma música especial, etc.), percepções sobre história, arte, ciência e tecnologia.

## 3. RESULTADOS

A experiência-piloto deste projeto aconteceu simultaneamente com quatro turmas do 1º ano do ensino médio/técnico do CEFET-MG, e uma turma composta por alunos do 6º e 7º anos do ensino fundamental, da Escola Municipal Ivan Diniz Macedo (EMIDM), da rede pública de educação de Contagem. Os dados aqui apresentados foram coletados apenas na pesquisa realizada com a turma do curso de Mecatrônica e a turma do EMIDM, que contou com a presença dos dois educadores durante o desenvolvimento do processo.

No CEFET-MG foram envolvidos cerca de 20 alunos, com idade entre 14 e 16 anos; na EMIDM também cerca de 20 alunos entre 11 e 15 anos. A articulação entre Cultura Maker, Objetos de Aprendizagem e CTS foi evidenciada por meio de observações e registros coletados nas fases - exploratória, protótipo sujo e protótipo final. Os registros foram fruto das interações entre alunos e educadores sobre assuntos variados, referentes à atividade ou a outras questões não diretamente ligadas ao trabalho, que emergiram no decorrer das aulas.

No CEFET-MG, as reflexões se deram sobre: as aulas de filosofia e a disciplina técnica sobre circuitos; a organização escolar e diferenças e aproximações entre o conhecimento propedêutico e o conhecimento técnico; a fragmentação disciplinar que organiza os currículos escolares e a possibilidade de integração dos diversos conhecimentos; criatividade; questões filosóficas; formas de produção artesanal e a produção industrial de objetos.

Na EMIDM, as reflexões seguiram percursos diferentes: o processo criativo, especificamente sobre a importância da paciência durante o processo de construção de objetos; sobre balística ou lançamento de projéteis; o uso de observações, experimentações e cálculos na construção do conhecimento; questões éticas acerca do uso da ciência e da tecnologia para a fabricação de armamentos.

No CEFET-MG, o projeto foi desenvolvido na disciplina de Arte. Os resultados evidenciaram posicionamentos dos alunos diante da proposta de trabalho e das reflexões provocadas durante sua realização e indicaram: (i) questionamentos da parte dos alunos acerca da presença de um professor de História na aula de Arte; (ii) a transdisciplinaridade do projeto que levou os alunos a refletir e buscar soluções acerca de conceitos de física e mecânica sem uso de fórmulas ou livro didático, mas por meio da experimentação, em um processo de tentativa e erro; (iii) a ótima aceitação que a proposta de trabalho teve por parte dos alunos; (iv) a pouca experiência dos alunos para o desenvolvimento de projetos que envolvam construção de objetos e o não conhecimento prático de tecnologias de fabricação digital – processos, técnicas e equipamentos ainda distantes de suas realidades; (v) a pouca participação e envolvimento dos alunos quando incitados às reflexões filosóficas e históricas sobre a segmentação das áreas do conhecimento e das relações entre ciência, técnica, tecnologia e sociedade; (vi) a vontade de colocar a “mão na massa” e por o projeto para “funcionar”.

No EMIDM, o projeto foi desenvolvido em sábados letivos, por meio de uma disciplina que foi nomeada pelos próprios alunos de “Aula Especial”. Ao contrário do CEFET-MG, no qual o projeto foi realizado na Sala de Cerâmica, espaço próprio para a disciplina de Arte, no EMIDM o projeto foi realizado no laboratório de informática da escola. Em comparação com a prática realizada no CEFET-MG, pudemos observar (i) que os alunos não questionaram o fato de que aquela aula tratasse simultaneamente de conteúdos de diferentes disciplinas escolares; (ii) como decorrência disso, a transdisciplinaridade aconteceu de forma espontânea com contribuições dos alunos; (iii) a atividade não seguiu conforme o planejado, pois enquanto foi solicitada a construção de pop ups, alguns alunos deram início, por conta própria, à construção de outros artefatos de papel, como bicicleta, revólveres e zarabatanas; (iv) os alunos demonstraram vivência e facilidade para as práticas de atividades manuais; (v) assim como no CEFET-MG, eles também demonstraram resistência às reflexões filosóficas e históricas sobre as relações entre ciência, técnica, tecnologia e sociedade; (vi) tal como no CEFET-MG, demonstraram vontade de colocar a “mão na massa” e por o projeto para “funcionar”.

## 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A tentativa de articular o ensino de artes com a história, a ciência e a tecnologia aconteceu no sentido de desenvolver práticas transdisciplinares. Da crítica à cultura moderna da fragmentação dos saberes e de uma educação estruturada a partir do modelo taylorista/fordista, que dificulta que alunos tenham uma visão mais precisa da realidade como um todo, que surgem termos como interdisciplinaridade e transdisciplinaridade. Trata-se de diferentes formas de superar a compartimentalização dos saberes, tecendo nexos entre os diversos campos do saber e compreendendo fenômenos de diversos pontos de vista. Enquanto a interdisciplinaridade propõe diálogos entre as disciplinas por meio de construção de pontes entre elas, a transdisciplinaridade a partir de uma visão multidimensional, leva em conta concepções de tempo e história. Isso significa que a

visão transdisciplinar busca a radical superação das barreiras disciplinares, pressupondo uma racionalidade aberta, em que as contribuições de cada disciplina sejam tidas como aberturas de todas elas para a construção de novos modos de conceber a realidade (CARTA, 1994).

Os dois contextos de aplicação do projeto, os dois espaços escolares, evidenciaram questões comuns, como a resistência por parte dos alunos de articular atividades manuais com reflexões histórico-filosóficas. Por outro lado, os dois contextos evidenciaram questões diferenciadas, como a maior facilidade que os alunos de EMIDM tiveram com o desenvolvimento das atividades manuais, ainda que sejam de idade menor que os do CEFET-MG. Essas diferentes apropriações do projeto por parte dos dois espaços requerem análises mais cuidadosas e esta é uma das questões que serão abordadas em pesquisas futuras.

Ainda que o projeto tenha critérios definidos, sua metodologia encontra-se aberta para futuros aperfeiçoamentos, em conformidade com a parte empírica e com as demandas que surgirem a partir da sala de aula ou de outros contextos. O projeto se encaminhará com vistas a analisar em que medida a experiência facilitará aprendizados complexos por parte dos alunos, de forma que eles mesmos desenvolvam e/ou se apropriem de propostas transdisciplinares. As experiências preliminares demonstradas aqui, revelam sua potencialidade, no sentido de quebrar barreiras disciplinares, ao propor a articulação entre manual e digital, arte e história, ciência e tecnologia. A perspectiva futura é de que este projeto seja desenvolvido em intercâmbio com outros espaços, escolares e não-escolares.

## REFERÊNCIAS

AULER, Décio. Novos caminhos para a educação CTS: ampliando a participação. In: CTS e educação científica: desafios, tendências e resultados de pesquisas. SANTOS, W. L. P.; AULER, D. (Org.). Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2011. P. 73-97.

BRAGA, Juliana; MENEZES, Lilian. Introdução aos objetos de Aprendizagem. In: Objetos de aprendizagem, volume 1: introdução e fundamentos / Organizado por Juliana Cristina Braga — Santo André: Editora da UFABC, 2014. Pág. 4-40.

CARTA da Transdisciplinaridade (Adotada no Primeiro Congresso Mundial de Transdisciplinaridade - Convento de Arrábida, Portugal, 2-6 novembro, 1994). Comitê de redação: Lima de Freitas, Edgar Morin e Basarab Nicolescu. Disponível em: [www.teses.usp.br/teses/.../ANEXO\\_A\\_Carta\\_Transdisciplinaridade.pdf](http://www.teses.usp.br/teses/.../ANEXO_A_Carta_Transdisciplinaridade.pdf). Acesso em 01/06/2016.

NOA - Núcleo de Construção de Objetos de Aprendizagem. Disponível em: <http://www.fisica.ufpb.br/~romero/objetosaprendizagem/>. Acesso em: 08 set. 2015.

# Sagarana e Grande sertão: veredas, nessa data, querida<sup>1</sup>

João Batista Santiago Sobrinho\*

*Era um burrinho pedrês, miúdo e resignado, vindo de Passa-Tempo, Conceição do Sêrro<sup>2</sup>, ou não sei onde no sertão.*

João Guimarães Rosa

Não por acaso um escritor sobrevive ao longo do tempo com serena jovialidade. E não existe propriamente uma explicação que abarque de maneira absoluta a longevidade de uma escritura. Talvez o tempo seja a força maior a selecionar aqueles que sobrevivem. Creio que essa é uma das apostas de Leila Perrone Moisés no livro *Altas literaturas*. Homero, Dante, Goethe, Machado de Assis, Lima Barreto, Clarice Lispector, Cecília Meireles, João Guimarães Rosa são exemplos dessa longevidade que, mediante as forças históricas, acontecem de resistir ao duro jogo do apagamento produzido pela problemática existência.

Nesse sentido, a travessia no tempo é sempre muito perigosa, seja a realizada pelos autores e autoras ou pelos livros via escritura. E se digo *escritura*, reporto-me a uma escolha conceitual advinda da lavra do crítico francês Roland Barthes. Admito, dessa maneira, uma característica escritural que representa uma dificuldade intransponível ao leitor e, no entanto, creio, é justamente a intransitividade da *escritura*, o fato dela ser inultrapassável que, talvez, seja a maior garantia da sobrevivência literária no tempo e sobretudo na era da informação e seu gosto pelas coisas fáceis e efêmeras. Uma escrita que comporta um referente, seja ele mercadológico ou político engajado, por exemplo, de um modo geral, termina se dissolvendo ante às forças mutantes do tempo.

A primeira edição de *Sagarana*, conforme Sônia Maria Van Dijck Lima, foi lançado em 1946 pela editora Universal, no Rio de Janeiro, meados do século XX, o século da guerra. Esgotou-se rapidamente e ainda no mesmo ano a editora Universal lançou a segunda edição. A primeira crítica elogiosa ao livro será feita pelo escritor Álvaro Lins em 1946, a segunda, também elogiosa, será feita ainda no mesmo ano pelo escritor Graciliano Ramos. A terceira e quarta edição, respectivamente em 1951 e 1956, foram realizadas pela José Olympio e fica determinado que a quarta edição seria a definitiva. Rosa, perfeccionista, queria a toda edição alterar alguma coisa. *Sagarana* é o primeiro livro de João Guimarães Rosa, não contando o livro de poesias que, ele mesmo, quero crer, via como menor. O livro de poesias *Magma* ficou em primeiro lugar no concurso da Academia Brasileira de Letras em 29 de junho de 1937. *Sagarana* é composto de nove Contos, respectivamente: “O burrinho Pedrês”, “A volta do marido pródigo”, “Sarapalha”, “Duelo”, “Minha gente”, “São Marcos”, “Corpo fechado”, “Conversa de bois” e “A hora e a vez de Augusto Matraga”. Este último conto recebeu várias versões para o cinema. Antes de *Sagarana* atingir a forma acabada conforme

1 Sagarana faz 70 anos e Grande sertão: veredas faz 60 anos.

2 Mantive a acentuação rosiana nas citações ao longo desse texto.

\*Doutor em Literatura Brasileira (UFMG), professor do CEFET-MG, integrante de grupos de pesquisa no CEFET-MG e na UFMG. Escritor, poeta, ecologista, músico e artista plástico.

o conhecemos, o livro se chamava *Contos* e participou de um concurso em 1937, no qual ficou em segundo lugar. Conforme o próprio autor,

*a 31 de dezembro de 1937, entreguei o original, à 5 horas e meia da tarde, na livraria José Olympio. O título escolhido era Sezão; mas, para melhor resguardar o anonimato, perspeguei no cartapácio, à última hora, este rótulo simples: Contos (título provisório, a ser substituído), por Viator. Porque eu ia ter de começar longas viagens. (ROSA, apud LIMA, 2003, p.12).*

Graciliano Ramos deu o voto de minerva que retirou, não sem titubear, o primeiro lugar o Jovem escritor João Guimarães Rosa àquela época. Luiz Jardim, foi o ganhador, com o livro *Maria perigosa*. Graciliano sabia que estava diante de um enorme escritor, um médico mineiro, talvez, mas não gostou, com razão dos excessos, da linguagem. Achava que o livro precisava, ainda, de um certo apuro formal. Não gostou, também, do excesso de animais. João Guimarães Rosa – que, também, amava os animais – passou, pode-se inferir, dez anos buscando um melhor apuro formar para sua escritura. Curiosamente, em seguida à publicação de *Sagarana*, João Guimarães Rosa anunciou o livro *Tutaméia*, esse, em verdade, seria o último livro a ser editado pelo autor, que morreu três meses depois e três dias depois de assumir uma cadeira na Academia Brasileira de Letras, ainda em 1967.

Rosa publicou cinco livros, *Sagarana* (1946), *Corpo de Baile* (1956), *Grande sertão: veredas* (1956), *Primeiras histórias* (1962) e *Tutaméia: terceiras histórias* (1967). Os livros póstumos são: *Estas histórias* (1969) e *Ave palavra* (1970), ambos preparados por seu amigo Paulo Rónai, que fez as notas introdutórias nos dois livros póstumos e seguiu procedimentos sugeridos pelo próprio Guimarães Rosa em seus originais. Para levar a diante suas histórias, o autor se utiliza dos *refugos da modernidade*, expressão de Mircea Eliade, conforme registrei no livro *Mundanos fabulistas: João Guimarães Rosa e Nietzsche* (2011), os semi-imbecis, os loucos, os párias, os bandidos, as prostitutas, os ciganos, minorias donde ele estrai outra lógica, aquela da terceira margem, *locus* de multiplicidades outras, então, da diferença com a qual expõe a vísceras do processo civilizatório e do falocentrismo tupiniquim, mas que traduz uma condição universal. Alguns países para os quais João Guimarães Rosa foi traduzido: França, Itália, Alemanha, Espanha, Estados Unidos, Canadá, dentre outros.

Não é possível compreender os jogos de linguagens rosianos sem a devida escuta. Nesse sentido, também estamos distinguindo *informação* de *conhecimento*. A *informação* limita-se com o mercado e suas prementes necessidades mercantis, digamos, e o *conhecimento* necessita de *demora* e *experiência*, dimensões sem as quais não existe leitura. Requisitos sobrepujados pelas habilidades maquínico-velozes da chamada inteligência artificial que, por sua vez, gera no imaginário social uma espécie de obsolescência da condição humana. A compreensão da escritura a que nos referimos anteriormente, diferenciando-a, dessa forma, da escrita comum, vem de uma necessária intimidade de um *sentir-pensar* com as palavras em suas múltiplas filigranas. Encontra-se além do significado ou do próprio sentido. É *puras misturas*, poesia verbivocovisual, excedendo sempre a tirania do sentido único e do sentido mesmo conforme hábito de um racionalismo quantificante. A escritura é jogo sempre em aberto e sua lei é a da reflexão.

O sertão escritural rosiano expande os sentidos da palavra *sertão*, transformando-a em um lugar mito-poético. É palavra cuja origem pode advir da palavra deserto, sobretudo de seu aumentativo, *desertão*. Duas palavras grifadas no parágrafo anterior combinam mais com esse lugar que é tanto universal quanto geográfico regional – Minas

Gerais, sul de Goiás e sul da Bahia – Essas palavras são *conhecimento* e *demora*. O sertão rosiano é a Terra, a vida e é também *afora adentro* conforme expressão de Riobaldo, narrador protagonista do romance *Grande sertão: veredas*, na primeira página do romance, das 571 páginas que o compõe, desde a segunda edição da editora José Olympio. O sertão é *afora adentro*, pode-se inferir, também, porque ele é por aí afora, adentro de si mesmo e da gente. Riobaldo, também, irá dizer que o sertão corre em volta e é sem tamanho. Outrossim, estou dizendo que o sertão é toda a escritura rosiana e todo imaginário que ela inventivamente sugere quando pousamos em *demora* o olhar sobre o texto em condição de travessia, passagem, onde o homem-humano existe, de acordo com o final do romance *Grande sertão: veredas*: “Existe é o homem humano. Travessia (ROSA, 1958, 571). Mas o sertão, também, pode ser menor, assim como a expressão popular de surpresa quando encontramos alguém à rua que não vemos faz tempo: “o mundo é muito pequeno”, como no conto de *Sagarana* “A hora e a vez de Augusto Matraga”: “Mas, como tudo é pequeno, e o sertão ainda é menor, houve que passou por lá um conhecido velho de Nhô Augusto – o Tião da Thereza – à procura de trezentos reses de uma boiada brava, que se desmanchara nos gerais do alto Urucúia, estourando pelos cem caminho sem fim do chapadão” (ROSA, 1971, p.343). Por fim, o sertão é paradoxal, é linguagem, ele é e não é.

Existe muitas perspectivas possíveis de se ler Guimarães Rosa, sempre acredito que a melhor maneira ocorre por intermédio da linguagem. Esquivo-me, por intermédio de recados advindos do próprio texto do autor, de leituras metafísicas, ainda que o próprio escritor, como leitor de si mesmo, dê importância a esse aspecto. Não obstante, ainda que possa existir um certo platonismo em seu texto, antes de mais nada João Guimarães é um barranqueiro, fabulista, lá de Cordisburgo, Minas Gerais, um contador de histórias *inventadas sim senhor* ou como diz o próprio autor em *Tutaméia*, no início do prefácio “Aletria e hermenêutica”, “a estória não quer ser história, a estória quer-se às vezes parecida com a anedota”. João Guimarães Rosa se filia de muitas maneiras a escritores e filósofos como Nietzsche, por exemplo, que alegremente colocaram em xeque o historicismo e o platonismo, tomando o esquecimento como uma forma de saúde e a criação como forma de conhecimento mais legítimo mediante o devir. Esquecer, como lembrar ciente da diferença, pois sempre interpretando, é fundamental para que coisas novas apareçam como, por exemplo, uma forma nova de narrar, essa que nos legou o escritor mineiro. Isso não significa que a história não seja importante, mas significa que a história é apenas uma interpretação, uma perspectiva sobre um recorte limitado no tempo. Levando-se em consideração que a Terra é a própria multiplicidade, por mais dinâmico que seja o contexto abarcado pela história ele é sempre restrito a uma perspectiva. O autor Guimarães Rosa faz questão, por exemplo, de explicitar o traço mentiroso de sua narrativa como acontece no conto A hora e a vez de Augusto Matraga: “E assim se passaram pelo menos seis ou seis anos e meio, direitinho deste jeito, sem tirar nem pôr, sem mentira nenhuma, porque esta aqui é uma estória inventada, e não é um caso acontecido, não senhor” (ROSA, 1971, p.343). Isso representa, pois, uma espécie de impossibilidade de verdades absolutas no texto rosiano, sempre marcado por uma indecidibilidade trágica em que os personagens são sempre felizes e infelizes para sempre. E todos sabemos que a verdade absoluta é um dos pilares da metafísica. Rosa está longe de ser dicotômico, por isso os ávidos pelo pensamento clássico-arbóreo e por gramática não o entende.

Mas, para além das perspectivas especialistas, o que importa, de verdade, é atingir o tom de escuta necessário para a leitura. Não sei de fato o que a leitura pode fazer em relação ao outro, estimo que um bem, tudo que sei é o que ela me proporcionou nessa vida cuja infinidade de caminhos levam, quase sempre, a lugar nenhum. A literatura, no mínimo, dá-me a possibilidade de ser contemporâneo, como diz o filósofo italiano Gior-

gio Agamben, de enxergar na escuridão a arma engatilhada no próprio discurso, pronta para matar e, vem embalada, quase sempre, em papel de seda midiático para ignorância geral e outros abusos políticos, por exemplo. Imagino, também, a literatura-escrita como uma força plástica, um véu lançado sobre o horror da vida. Quando com ele fatalmente nos defrontamos, eis o que nos salva: um *faz de conta*, a literatura, diria Man'Antonio, do conto "Nada e nossa condição", do livro *Primeiras estórias*. Man'Antonio, diante das filhas desesperadas com a perda da mãe: "- Pai, a vida e feita só de traiçoeiros altos-e-baixos? Não haverá para a gente, algum tempo de felicidade, de verdadeira segurança?" E ele, com muito caso, no devagar da resposta, suave a voz: - "faz de conta, minha filha... faz de conta." (ROSA, 1962, p. 82, grifos do autor).

Com "muito caso", conforme recorte acima, é fazendo muito caso, mas é também uma referência ao "contar um caso", *um faz de conta*, uma estória, atravessamos o mar de territórios de que é feita a vida. Não é possível atravessar o real sem máscaras, é preciso um Virgílio para guiar Dante pelo inferno, assim como é preciso um João Guimarães Rosa para nos guiar pelo sertão em hora tão funesta da história brasileira.

### Referências

LIMA, Sônia Maria Van Djiki. *Escritura de Sagarana*. São Paulo: Navegar, 2003.

ROSA, João Guimarães. *Sagarana*. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 1971.

ROSA, João Guimarães. *Grande sertão: veredas*. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 1958.

SANTIAGO SOBRINHO, João Batista. *Mundanos fabulistas: Guimarães Rosa e Nietzsche*. Belo Horizonte: Crisálida/CEFET-MG, 2011.



## Normas para submissão de textos

Os textos deverão seguir integralmente as normas estabelecidas pela Revista e Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT). A correção redacional é de inteira responsabilidade do(s) autor(es), que deverá(ão) se responsabilizar pelas revisões sugeridas pelo Conselho Editorial da Revista.

Os artigos deverão ser redigidos em português, com palavras-chave e resumo no mesmo idioma, seguidos de sua versão em inglês (*Abstract* e *Keyword*). Sua publicação estará sujeita à aprovação de pareceristas do Conselho Editorial. Deverão ser remetidos exclusivamente ao endereço eletrônico [revistaextensao@adm.cefetmg.br](mailto:revistaextensao@adm.cefetmg.br) do Comitê Executivo da Revista.

Os textos deverão ser relacionados à extensão, ao desenvolvimento comunitário e tecnológico e classificados pelos autores conforme as proposições abaixo.

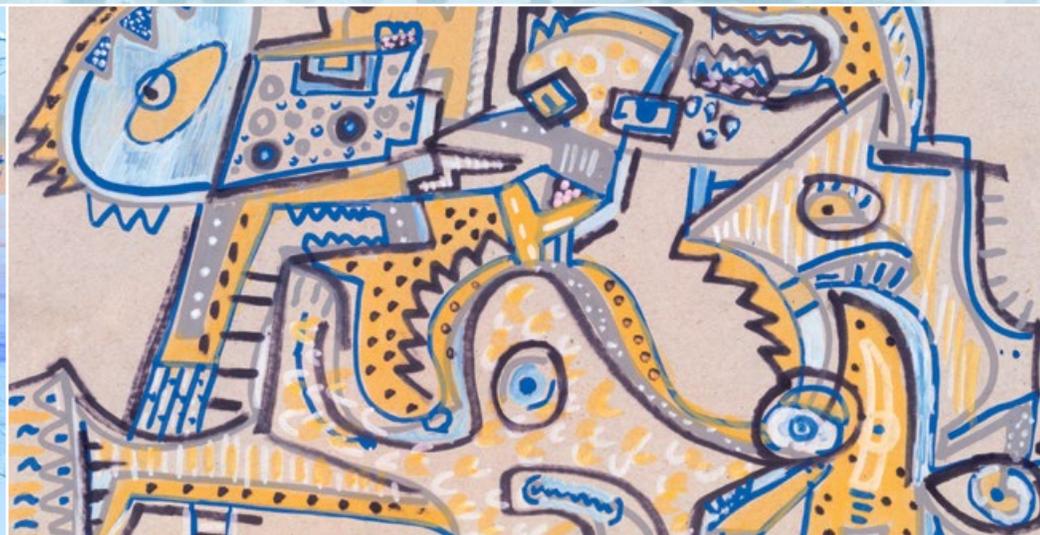
Classificação	Descrição	Número sugerido de laudas
Entrevistas	Relacionadas à extensão e ao desenvolvimento comunitário e tecnológico	8
Reportagens		6
Painéis		4
Relatos de Experiência/ Projetos		10
Informes		1
Resenhas		6
Artigos científicos e de opinião		10

Outros formatos de texto poderão ser publicados a critério do Conselho Editorial da Revista.

Os textos deverão obedecer à seguinte formatação:

- editor de textos *Word* 6.0 (versão mínima);
- margens superior e esquerda, 3,0; direita e inferior, 2,0;
- texto sem colunas, fonte Arial, corpo 12, espaço entrelinhas 1,5 e alinhamento justificado;
- figuras, tabelas, gráficos, fotos e imagens em formato pdf.





*Campus Araxá*  
Av. Ministro Olavo Drummond, 25  
São Geraldo . CEP: 38.180-510

*Campus I - Belo Horizonte*  
Av. Amazonas 5253 . Nova Suíça  
CEP: 30.421-169

*Campus II - Belo Horizonte*  
Av. Amazonas, 7675 . Nova Gameleira  
CEP: 30.510-000

*Campus VI – Belo Horizonte*  
Av. Amazonas, 5855 . Gameleira  
CEP: 30.510-000

*Campus Contagem*  
Alameda das Perdizes, 61 . Cabral  
CEP: 32146-054

*Campus Curvelo*  
Rua Santa Rita, 900 . Santa Rita  
CEP: 35.790-000

*Campus Divinópolis*  
Rua Álvares de Azevedo, 400 . Bela Vista  
CEP 35.503-822

*Campus Leopoldina*  
Rua José Peres, 558 . Centro  
CEP: 36.700-000

*Campus Nepomuceno*  
Av. Monsenhor Luiz de Gonzaga, 103  
Centro . CEP: 37.250-000

*Campus Timóteo*  
Rua 19 de Novembro, 121 . Centro Norte  
CEP: 35.180-008

*Campus Varginha*  
Av. dos Imigrantes, 1000 . Bairro Vargem  
CEP 37.022-560